

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 1
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Fátima Contramestre de Almeida
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
João Carlos Faria
Luís Ferreira
Maria Graça da Silveira Filipe
Maria Rosa Peralta Sousa Silva
Maria Teresa Rosendo
Miguel Correia
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

Capa

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

Execução gráfica

Ana Paula Covas
António Caetano de Campos Ramos
Jan van Krimpen

Impressão e acabamento

Impripal Artes Gráficas, Lda. - www.imripal.com

Depósito Legal n.º

221991/05

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal

Victor Borrego

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

Integrado por:

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

Patrocínios

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

A Coordenadora Editorial

Joaquina Soares

Índice

Museus	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75

Arqueologia	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-itálicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
Outros Patrimónios	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

Recensões, Publicações e Informações	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)

CARLOS TAVARES DA SILVA*
JOAQUINA SOARES**

RESUMO

O sítio arqueológico de Brejo Redondo, localizado entre a cidade de Sines e a baía de S. Torpes, em área plana e arenosa, confinante com a vertente litoral, rochosa, tinha acesso franco à praia e era servido por nascentes de água doce, aflorantes na falésia. Escavado em uma área de 204m², no decurso de intervenção de salvamento, motivada por empreendimento público e financiada pela Administração do Porto de Sines, veio a revelar-se como um estabelecimento temporário, provavelmente dedicado à exploração de recursos marinhos, atribuível a uma fase avançada do Neolítico antigo.

ABSTRACT

Between the city of Sines and the Saint Torpes bay, the archaeological site of Brejo Redondo is situated in a sandy plain, confined by a rocky shore. It had an easy access to the beach and was blessed with water springs. Due to planned construction a rescue excavation of 204m² was carried out with the financial support of the Sines Harbour Administration. It revealed a temporary settlement, probably dedicated to the exploration of marine resources, to be attributed to an advanced phase of the early Neolithic.



Fig. 1 – Brejo Redondo. Aspecto geral da escavação.

INTRODUÇÃO

O sítio neolítico de Brejo Redondo ocupava área plana e arenosa confinante com a vertente litoral; era limitado a este por barranco de carácter torrencial, que desagua directamente no Oceano; possuía cotas

compreendidas entre 15 e 21m (Figs. 2 e 3). A morfologia desta área encontra-se actualmente muito alterada devido às obras de acesso ao porto de Sines. Antes destas, observava-se claramente um troço costeiro rochoso e escarpado, talhado nas rochas ígneas do maciço dos Chãos, a norte, e nos xistos do Carbó-

* Arqueólogo, coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS.

** Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

nico, na área da jazida, onde se recortavam pequenas praias que ofereciam óptimas condições para a recollecção de recursos marinhos; ainda hoje são abun-

dantes o polvo, lapa, caramujo, navalheira e ouriço do mar¹. Para sul, a vertente litoral, talhada agora em rochas brandas e areníticas, perde altura e vigor até

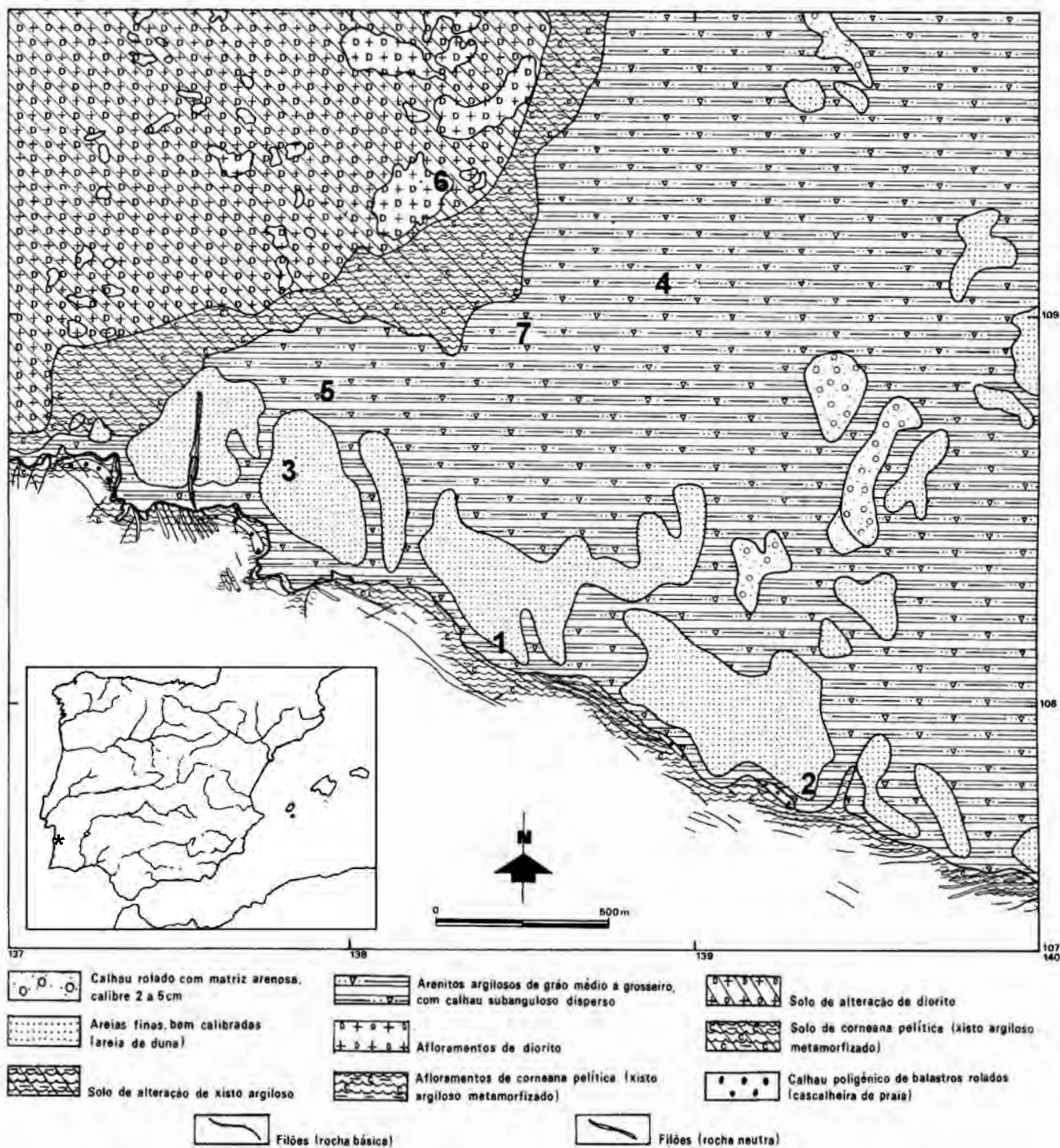


Fig. 2 – Localização do Brejo Redondo (nº 1) na carta litológica da encosta sul dos Chãos de Sines. 2 - Vale Marim (Mesolítico); 3 - Vale Pincel I (Neolítico Antigo); 4 - Palmeirinha (Neolítico Médio e Idade do Bronze); 5 - Vale Pincel II (Neolítico Final); 6 - Monte Novo (Neolítico e Calcolítico); 7 - Quitéria (Idade do Bronze).

1 - Informação fornecida pelo Dr. João Castro, do Laboratório de Biologia Marítima da Universidade de Évora, a quem muito agradecemos.

desaparecer nas areias da baía de S. Torpes, na foz da Ribeira da Junqueira. Para noroeste, a plataforma litoral eleva-se progressivamente ao longo da suave encosta dos Chãos de Sines, que atinge a sua cota máxima, de 107m, a pouco mais de 1Km do Brejo Redondo.

Administrativamente, a jazida pertence ao distrito de Setúbal, concelho e freguesia de Sines; a sua localização é definida pelas coordenadas militares X = 139.0 e Y = 107.9 (Folha 526 da Carta Militar de Portugal).

A ocupação neolítica assentou sobre areias móveis do Plistocénico (Fig. 2) que, em profundidade, adquirem textura arenítica mal consolidada, repousando sobre xistos do Carbónico marinho. A noroeste, nos Chãos de Sines, ocorrem corneanas pelíticas que envolvem gabro-dioritos do maciço sub-vulcânico de Sines (Canilho, 1971), no qual estão igualmente presentes sienitos quartzíferos e raros grani-

tos, cortados por brechas vulcânicas (Coelho, in Oliveira *et al.*, 1984).

Na parte superior da encosta sudeste dos Chãos, a alteração dos dioritos originou solos argilosos, compactos, castanho-avermelhados, os mais férteis da região e cerealíferos por excelência; na base dessa encosta, ocorrem terrenos arenosos menos férteis que os anteriores, mas certamente mais fáceis de agricultar no Neolítico, resultantes da alteração de arenitos plio-pleistocénicos.

Na vertente litoral, adjacente à praia de Brejo Redondo, existem nascentes de água doce, correspondentes a aquífero acumulado na zona de contacto entre a formação pliocénica e os xistos do Carbónico.

Presentemente, subsistem, junto à costa, manchas de *Pinus pinaster*. Durante o Neolítico, é provável que a vertente sudeste dos Chãos de Sines, bem como a plataforma litoral que se estende para este, fosse coberta por bosque de *Pinus pinea*, de acordo

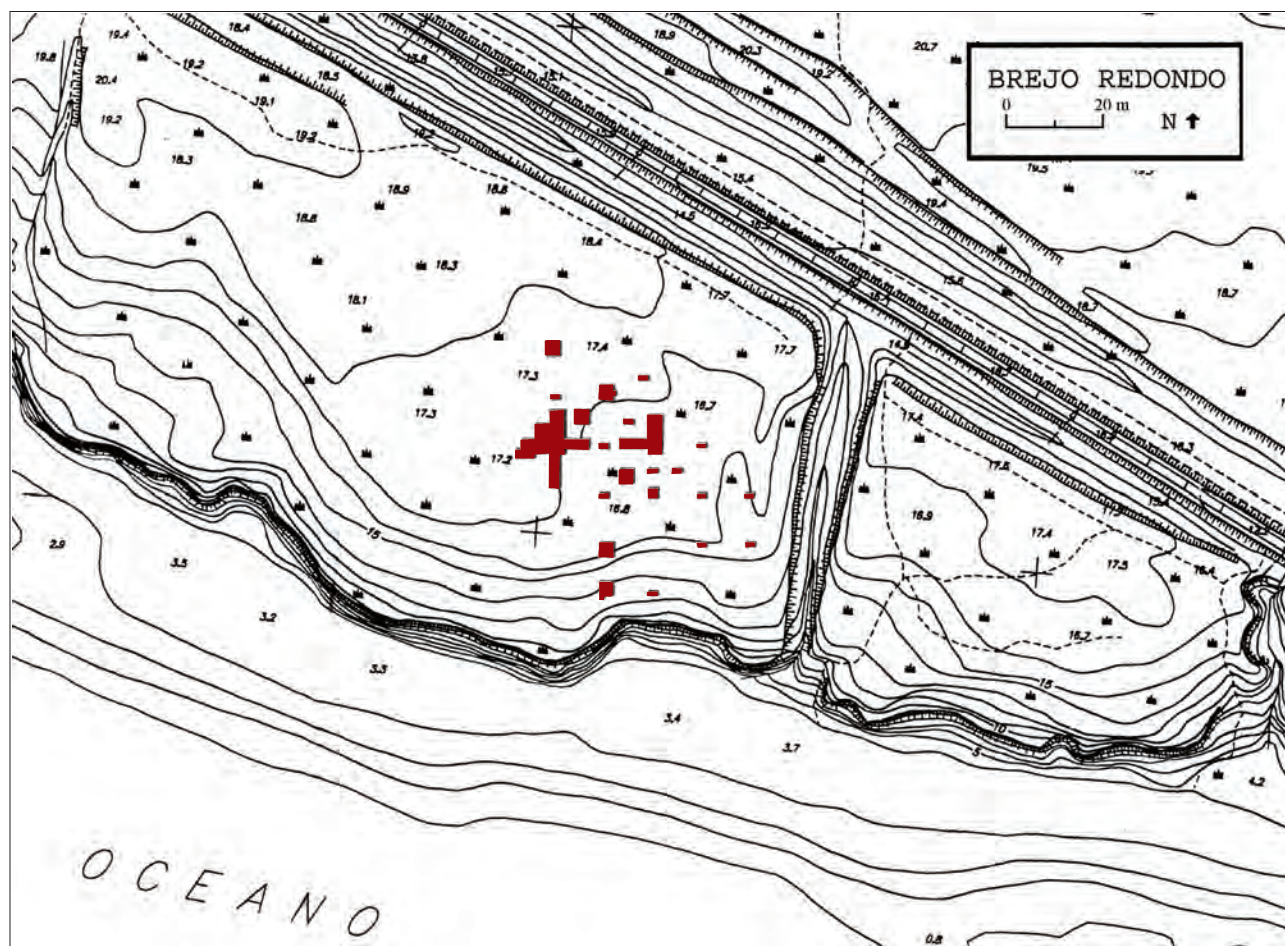


Fig. 3 – Brejo Redondo. Área intervencionada com a localização das sondagens.

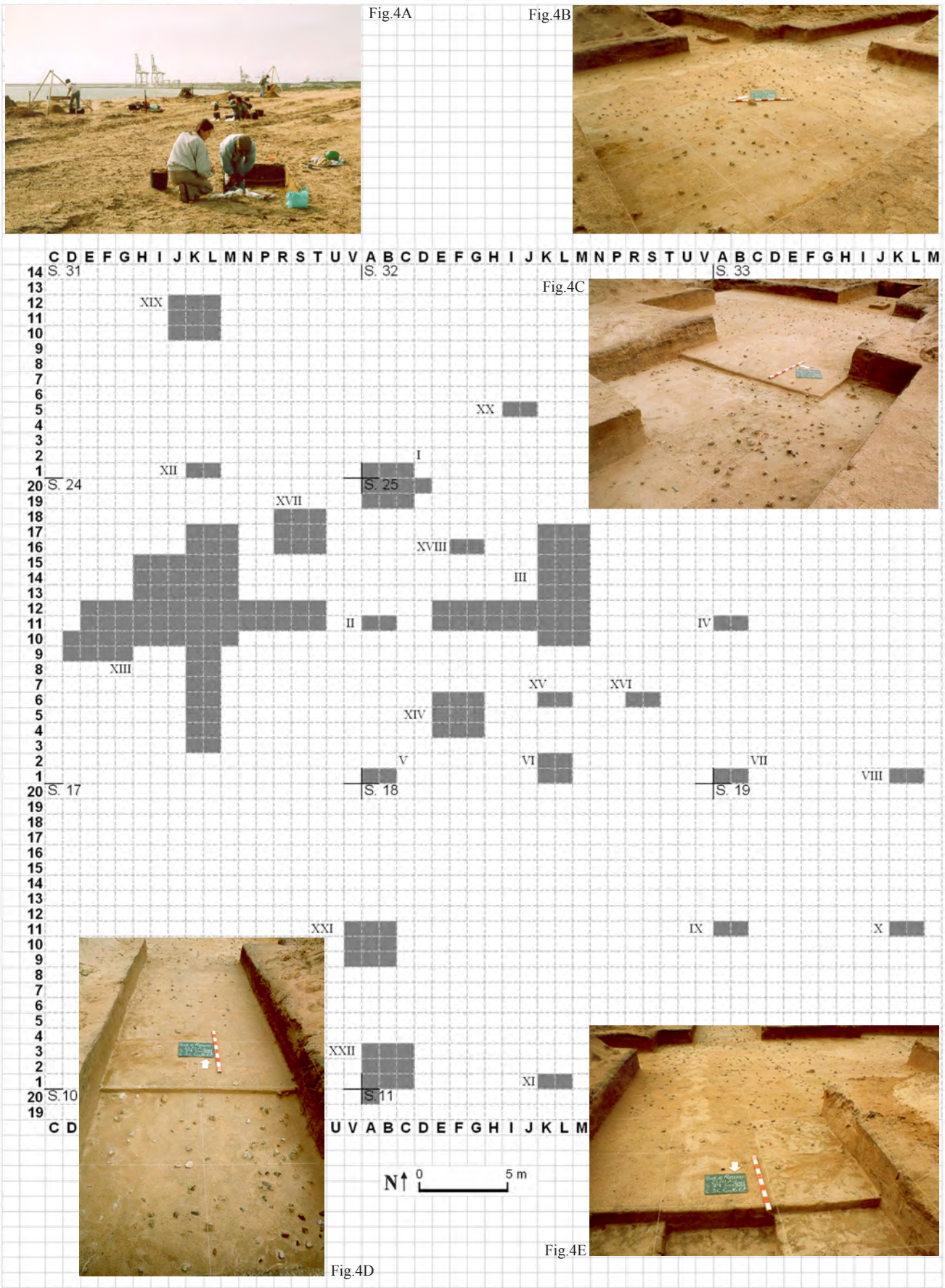


Fig. 4 – Brejo Redondo. Quadricula de referência utilizada na escavação. São indicados os sectores (S) e as sondagens; estas últimas são designadas por números romanos. 4A - Vista geral da intervenção arqueológica, de nascente. 4B - Sondagem XIII, base da C.2/topo da C.3, vista de noroeste. 4C - Sondagem XIII, vista de sudoeste. 4D - Sondagem XIII, vista de sul. 4E - Sondagem XIII, vista de norte.

com o estudo paleobotânico efectuado por Ernestina Badal a partir de análise antracológica de carvões exumados nas lareiras do vizinho e extenso *habitat* neolítico de Vale Pincel I².

A situação de ecótono oferecida por esta área, onde dois ecossistemas muito produtivos se cruzam – marinho (zona intertidal) e terrestre (maciço sub-vulcânico com elevada capacidade agro-pastoril/cinegética) – explica o seu sucesso em termos de continuada atracção dos grupos humanos. Com efeito, a área correspondente a um raio de 1,5 Km, a partir de Brejo Redondo, possui numerosos testemunhos pré-históricos (Fig. 2) que apoiam a afirmação anterior (Tavares da Silva e Soares, 1981 e 1984): o Mesolítico de fácies geométrica encontra-se representado em Vale Marim I, a cerca de 1Km para ESE; o Neolítico antigo, em Vale Pincel I, a cerca de 1Km para WNW; o Neolítico médio, na Palmeirinha (nível inferior), a cerca de 1Km para norte; o Neolítico final, em Vale Pincel II, a cerca de 1Km para WNW; o Calcolítico, a cerca de 1,5Km para NW, em Monte Novo; e a Idade do Bronze, a cerca de 1Km para NW, na Quitéria, e a igual distância, para norte, também no sítio da Palmeirinha (nível superior).

Até à presente intervenção, a jazida arqueológica de Brejo Redondo era conhecida através de achados recolhidos à superfície em prospecções da iniciativa do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines e do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, dirigidas pelos signatários. Ameaçada de destruição pela construção dos acessos terrestres ao terminal de contentores do porto de Sines, foi decidida, pelo Instituto Português de Arqueologia e Administração do Porto de Sines, a realização, nesse local, de trabalhos arqueológicos de salvamento, destinados a minimizar os impactes negativos daquele empreendimento.

A intervenção arqueológica iniciou-se a 21 de Outubro de 2002 e a sua conclusão ocorreu a 24 de No-

vembro do mesmo ano; foi dirigida por um dos signatários (C.T.S.), coadjuvado pelos Drs. Luís Lobato de Faria e Eunice Gomes³, e contou com a participação de dez auxiliares de Arqueologia; foi inteiramente financiada pela Administração do Porto de Sines e acompanhada pelo Eng.º Idalino Sabido José que, sempre disponível para providenciar a resolução de questões de carácter logístico, dispensou inestimável apoio aos trabalhos de campo.

Após a implantação (Fig. 4) no terreno da quadrícula de referência, constituída por sectores com 20m de lado (designados por numeração árabe, de oeste para este, e de sul para norte), subdivididos em quadrados de 1m de lado designados por letra maiúscula (de oeste para este) e número árabe (de sul para norte), iniciou-se a escavação através da abertura de sondagens com 1x2m, às quais foi atribuída numeração romana. Esta metodologia pretendeu, com a necessária economia de tempo, testar o interesse arqueológico de uma área vasta. Assim, foram abrangidos os sectores 18, 19, 24, 25, 26, 31 e 32. As sondagens que se revelaram arqueologicamente mais férteis e menos perturbadas por intrusões recentes foram posteriormente alargadas; a Sondagem XIII viria a abranger 80m². As Sondagens IV, VII, VIII, IX, X e XVI dos Sectores 19 e 26, e as Sondagens I, XIX e XX dos Sectores 31 e 32 mostraram-se muito perturbadas, além de arqueologicamente pouco férteis. Não foram consideradas na análise da distribuição espacial dos artefactos e dos termoclastos. No total, escavaram-se 201m².

A escavação seguiu a estratigrafia natural, mas a camada (C.) 2 e o topo da C.3 foram removidos através de níveis artificiais com cerca de 0,05m de espessura, de forma a assegurar um maior controlo estratigráfico; os respectivos planos (Figs. 4A, 4B, 4C, 4D e 4E), desenhados à escala de 1:10 (Fig. 6A). Todas as terras foram crivadas através de malha de 4mm.

2 - Estudo a publicar na monografia em preparação sobre Vale Pincel I.

3 - Que procederam igualmente ao desenho e fotografia de campo; o desenho de materiais ficou a dever-se a Jorge Costa (MAEDS), e o tratamento gráfico das figuras, a Paula Covas e Susana Duarte (MAEDS).

ESTRATIGRAFIA

A estratigrafia (Fig. 5) revelou uma sequência de depósitos uniforme em toda a área escavada, à exceção das situações de perturbação, inequivocamente recente. De cima para baixo, observaram-se as seguintes camadas:

C. 1 - Espessura entre 0,2 e 0,3m. Areia solta, cin-

zento-acastanhada escura, com raízes. Forneceu alguns materiais dos períodos moderno e contemporâneo; raros materiais pré-históricos.

C. 2 - Espessura variável entre 0,25m, nas Sondagens I, VI, VII, IX, XII, XIII (apenas nos perfis norte e oeste), XV, XVII, XVIII e XX, e 0,45m, nas Sondagens III, XIII (apenas no perfil este), XIX, XXI e XXII. Areia solta, amarelada clara, com artefactos

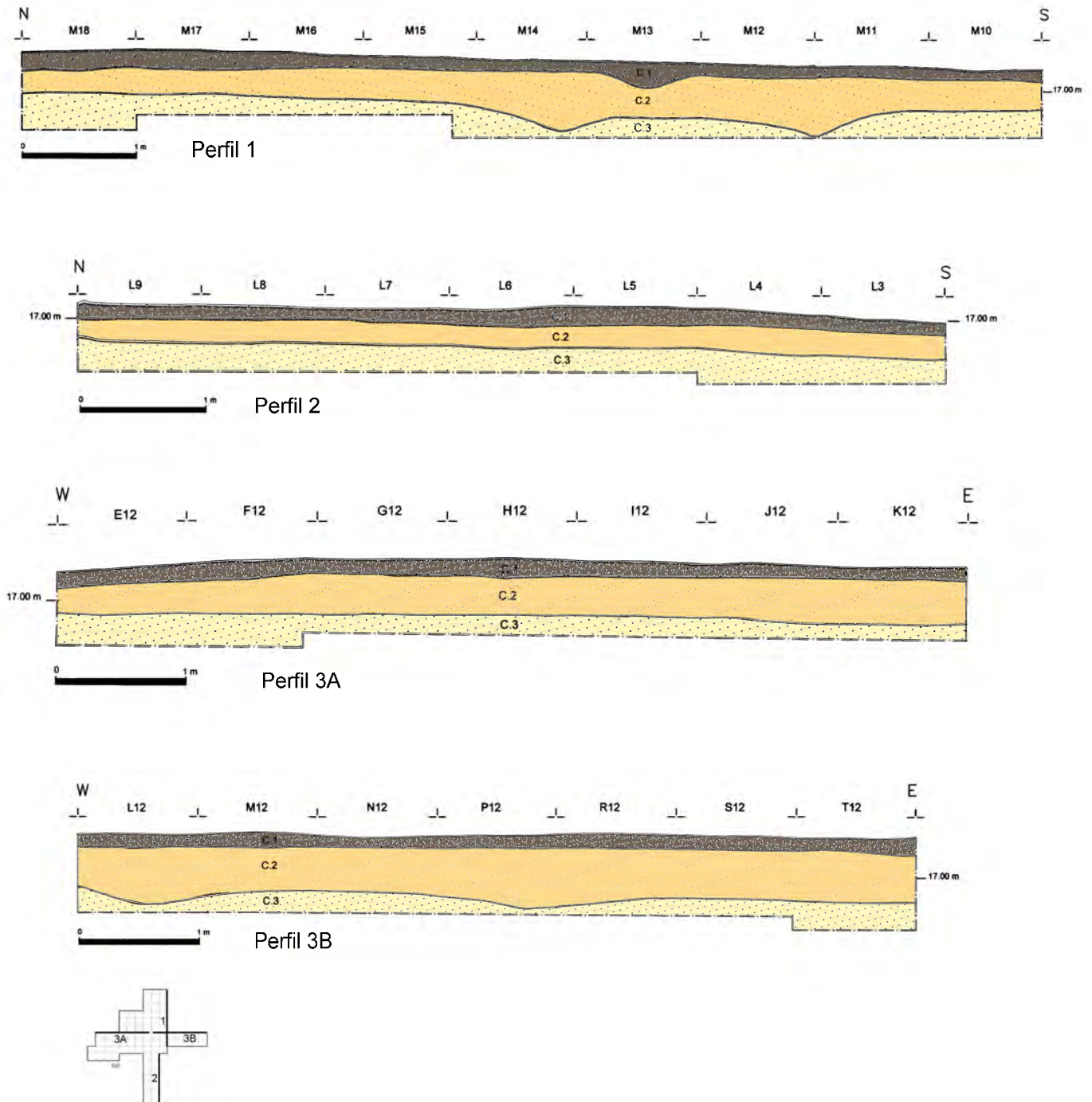


Fig. 5 – Brejo Redondo. Perfis estratigráficos obtidos na Sondagem XIII.

cerâmicos e líticos e termoclastos, por vezes abundantes na base da camada, onde também surgiram algumas estruturas de combustão.

C. 3 - Espessura indeterminada. Areia solta (no topo da camada), que em profundidade se vai tornando progressivamente consolidada. Cor branco-amarelada. Os primeiros 0,10m/0,15m forneceram algum material arqueológico, cuja densidade decresce rapidamente em profundidade e que terá migrado da C.2 por pisoteamento.

O nível arqueológico, atribuível ao Neolítico antigo evoluído ou aos alvares do Neolítico médio,

bem definido pelas estruturas de combustão e pelo óptimo de densidade de artefactos e termoclastos, corresponde à base da C.2 (cerca de 0,10m de espessura) e ao topo da C.3 (em resultado de infiltrações a partir da C.2).

ESTRUTURAS

Analisando a distribuição espacial dos termoclastos no nível arqueológico (Fig. 6), verifica-se que a maior densidade coincide com as Sondagens XIII,

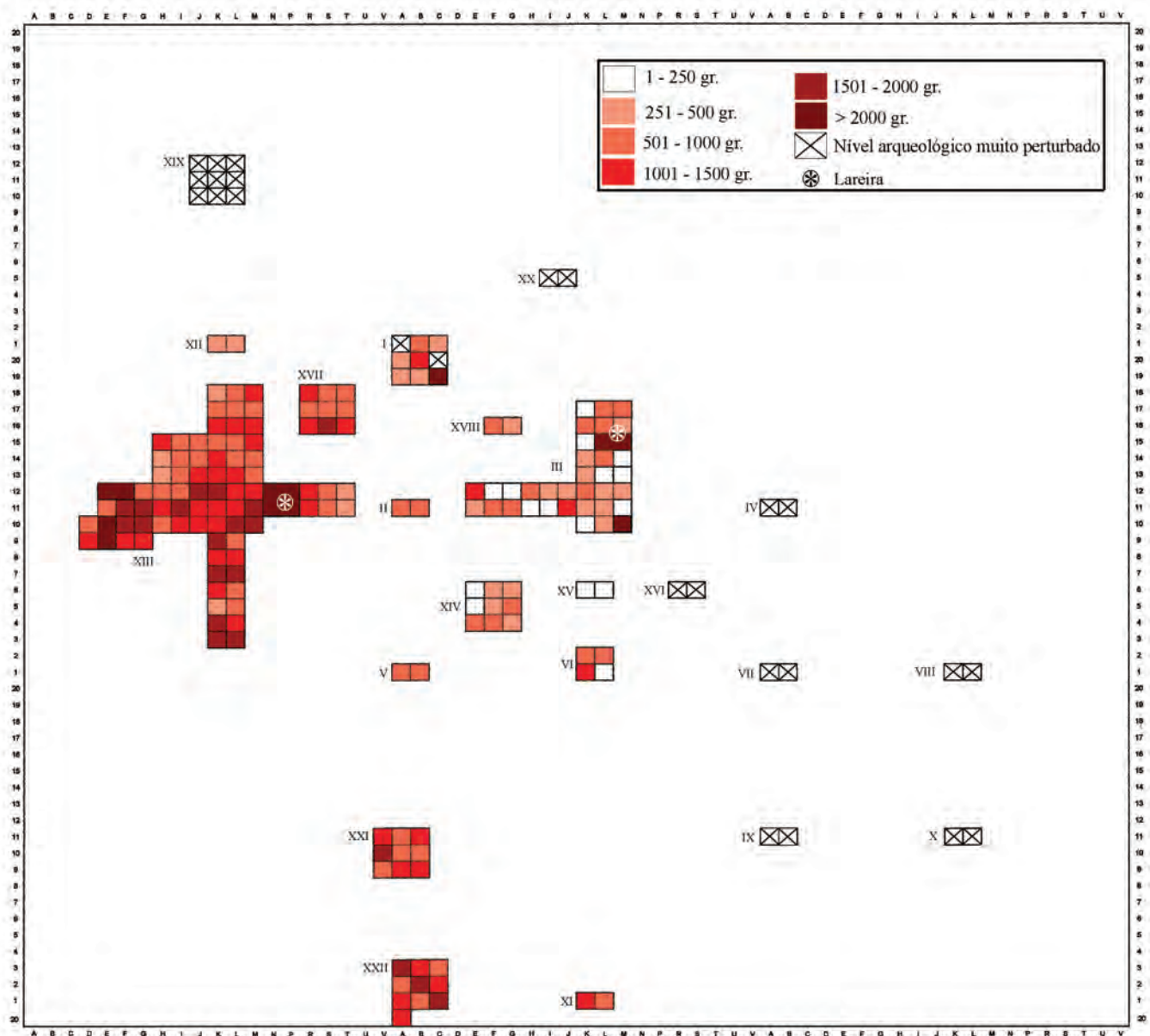


Fig. 6 – Brejo Redondo. Distribuição espacial dos termoclastos, no nível arqueológico.

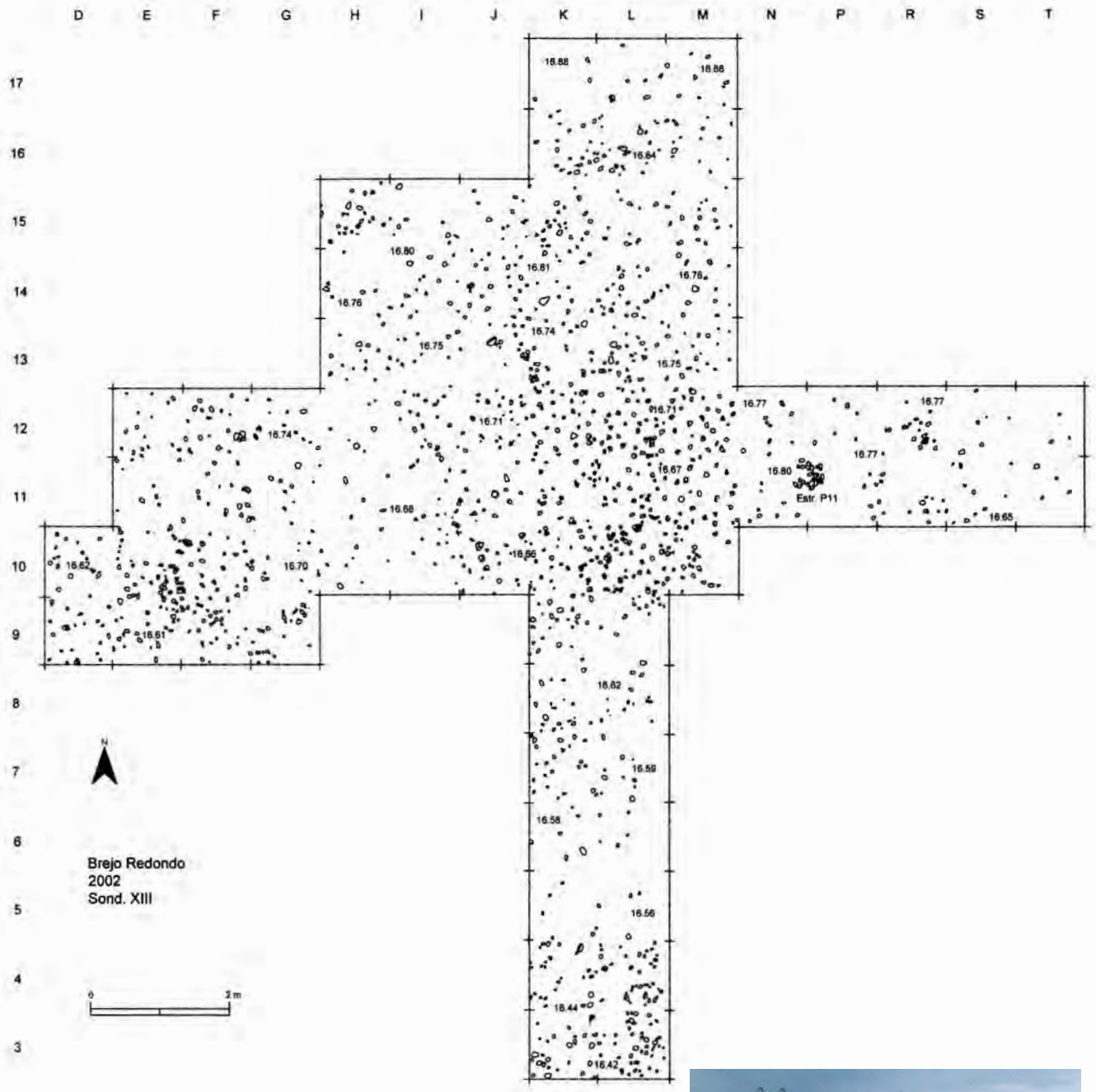


Fig. 6A – Brejo Redondo, Sond. XIII. Distribuição espacial dos termoclastos na base da C. 2/topo da C. 3.

XXI e XXII. Estas sondagens poderiam corresponder à área mais intensamente ocupada, cuja periferia teria expressão, a norte, na Sondagem XII, e, a leste, na Sondagem III. A distribuição horizontal dos artefactos líticos não contraria este quadro, pois enquanto o nível de ocupação da Sondagem XIII forneceu 1,7 artefactos/m² e as Sondagens XXI e XXII, 1,6 artefactos/m², na Sondagem III surgiram somente 0,4 artefactos/m². Porém, mesmo nestas sondagens, os materiais arqueológicos, designadamente os termo-

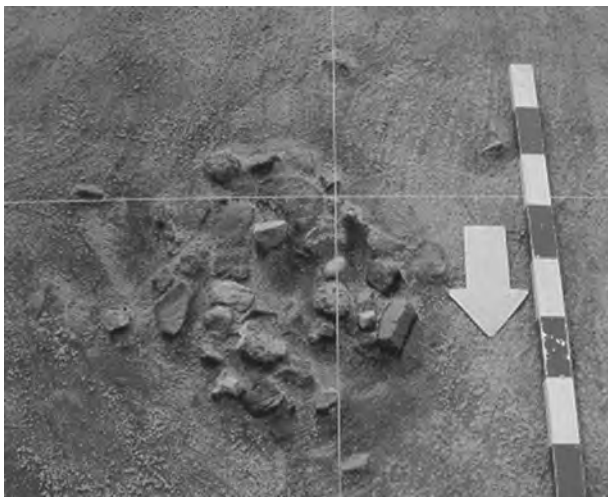


Fig. 7 – Brejo Redondo. Estrutura M15 (Sond. III).

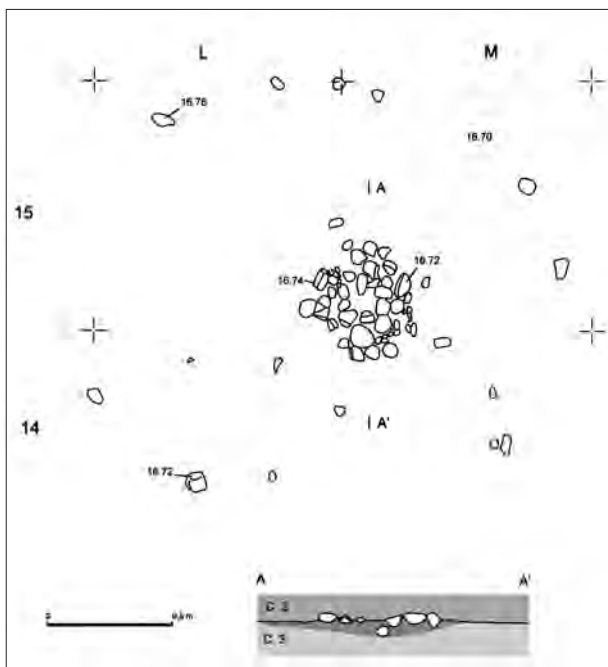


Fig. 8 – Brejo Redondo. Plano do topo da C. 3, nos Qs. L-M/14-15 (Sond. III), com a Estr. M15 e respectivo perfil.

clastos, não se distribuem uniformemente. A escavação da Sondagem XIII revelou três concentrações: uma, na zona ocidental, polarizada por duas presumíveis estruturas de combustão desmanteladas; outra, na zona central, nas proximidades da Estr. P11; e terceira, na extremidade sul. De notar que grande parte da macro-utensilagem lítica (indústria expedita), bem como a indústria sobre sílex (uso-intensiva) e a cerâmica, ocorrem sobretudo nessas zonas (Figs. 11, 12 e 15).

De sublinhar ainda que, embora a Estr. P11 se localize, como atrás dissemos, nas proximidades de uma dessas concentrações de termoclastos, estes rareiam, contudo, na sua envolvente imediata, o que pode corresponder à estrutura latente de uma cabana com uma lareira no seu interior. Com efeito, a cerâmica é, neste local, relativamente abundante (Fig. 15).

A coincidência notada entre a maior densidade de cerâmica, de indústria lítica e de termoclastos, leva-nos a admitir encontrarmo-nos perante um único período de ocupação, suposição que não exclui a possibilidade de nele estarem contidos mais do que uma estada do grupo; o fraco desenvolvimento vertical do nível arqueológico não aponta, porém, para um estabelecimento de vida longa.

As estruturas de *habitat* identificadas são exclusivamente de combustão e reduzem-se apenas a duas: Estr. M15 (Figs. 7 e 8) e Estr. P11 (Figs. 9 e 10), localizando-se a primeira na Sondagem III, e a segunda, na Sondagem XIII. Porém, a elevada densidade de termoclastos que ocorre em alguns quadrados (mais de 2000grs/m²) parece indicar a existência de outras estruturas de combustão, desmanteladas por dinâmicas erosivas, pós-deposicionais (Figs. 6 e 6A). Aquelas concentrações de termoclastos puderam ser observadas nos Qs. E/9-10 do Sector 24 (Sondagem XIII), Qs. E-F/12 do Sector 24 (Sondagem XIII), Q. C19 do Sector 25 (Sondagem I) e Q. M9 do Sector 25 (Sondagem III).

A Estrutura M15 (Figs. 7 e 8) abrangia parte dos Qs. L-M/14-15 do Sector 25 (Sondagem III). Era constituída por densa acumulação de termoclastos em que predominavam as rochas ígneas locais, cuja dimensão máxima mais frequente variava entre 0,05

e 0,07m, podendo atingir os 0,12m. O peso total do conteúdo pétreo da estrutura foi de 5409gr; alguns destes termoclastos conservavam ainda grande parte do córtex dos seixos rolados que, recolhidos na praia próxima, foram utilizados na construção de um aparelho pétreo que funcionou como acumulador térmico, de contorno subcircular, com 0,48m de diâmetro máximo, preenchendo depressão com cerca de 0,10m de profundidade, aberta no topo da C.3.

A Estrutura P11 (Qs. N-P/11 do Sector 24, Sondagem XIII) possuía igualmente uma acumulação de termoclastos (Figs. 9 e 10) de rochas predominate-

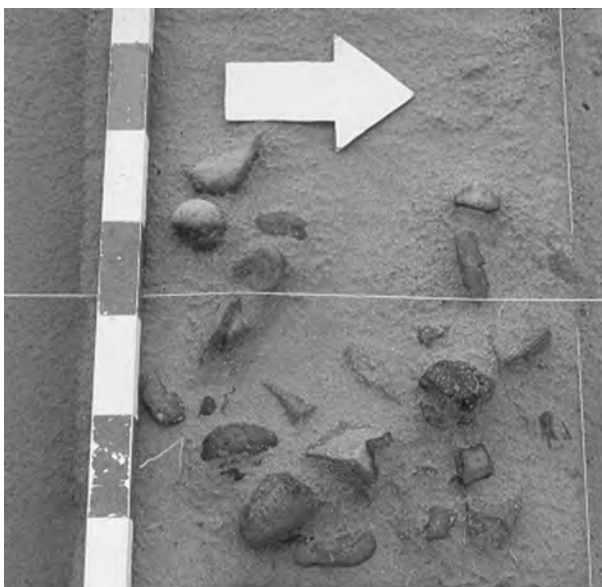


Fig. 9 – Brejo Redondo. Estrutura P11 (Sond. XIII).

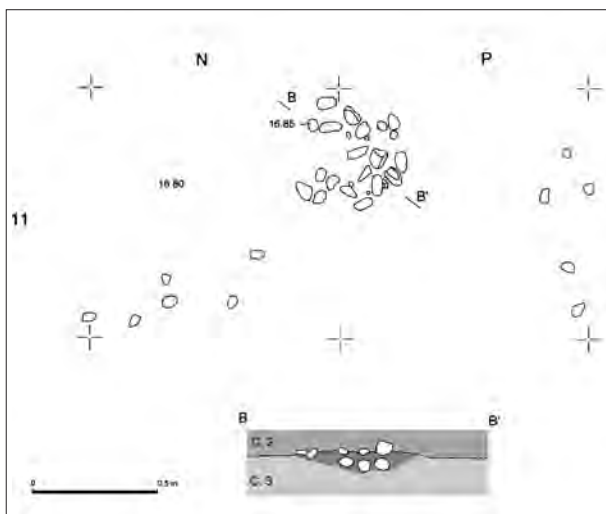


Fig. 10 – Brejo Redondo. Plano do topo da C. 3, nos Qs. N-P/11 (Sond. XIII), com a Estr. P11 e respectivo perfil.

mente ígneas, mas menos densa que a da Estrutura M15; oferecia também contorno subcircular (0,5m de diâmetro máximo) e preenchia depressão com cerca de 0,1m de profundidade. Continha alguns fragmentos de cerâmica de grandes dimensões.

ECOFACTOS

As condições de jazida (areias soltas, muito lixiviadas e substrato ácido) não permitiram a conservação de materiais orgânicos (ossos, conchas, carvões).

INDÚSTRIA LÍTICA

Os artefactos líticos, provenientes da base da C.2/topo da C.3, dominam a cultura material do Brejo Redondo, com 210 peças (Quadro I), das quais 186 (88,6%) se integram na utensilagem em pedra lascada, 19 exemplares (9%) pertencem à indústria em pedra polida e bojadada, e os restantes 5 artefactos integram-se na categoria residual de *outros*.

Quadro I – Brejo Redondo. Indústria lítica. Categorias tecnológicas.

Categorias tecnológicas	N	%
I Pedra lascada	186	88,6
II Pedra polida / bojadada	19	9,0
III Outros	5	2,4
Total	210	100,0

Distribuição espacial

A distribuição da indústria lítica não se mostra uniforme, verificando-se, no que respeita à densidade de artefactos por m², variações dignas de registo entre as diversas sondagens (Fig. 11). Os valores máximos observaram-se nas Sondagens XII, XIII, XXI e XXII. Nas Sondagens II, XVII e XVIII, constatou-se a total ausência de peças líticas. A apreciável variação horizontal na distribuição da utensilagem lítica

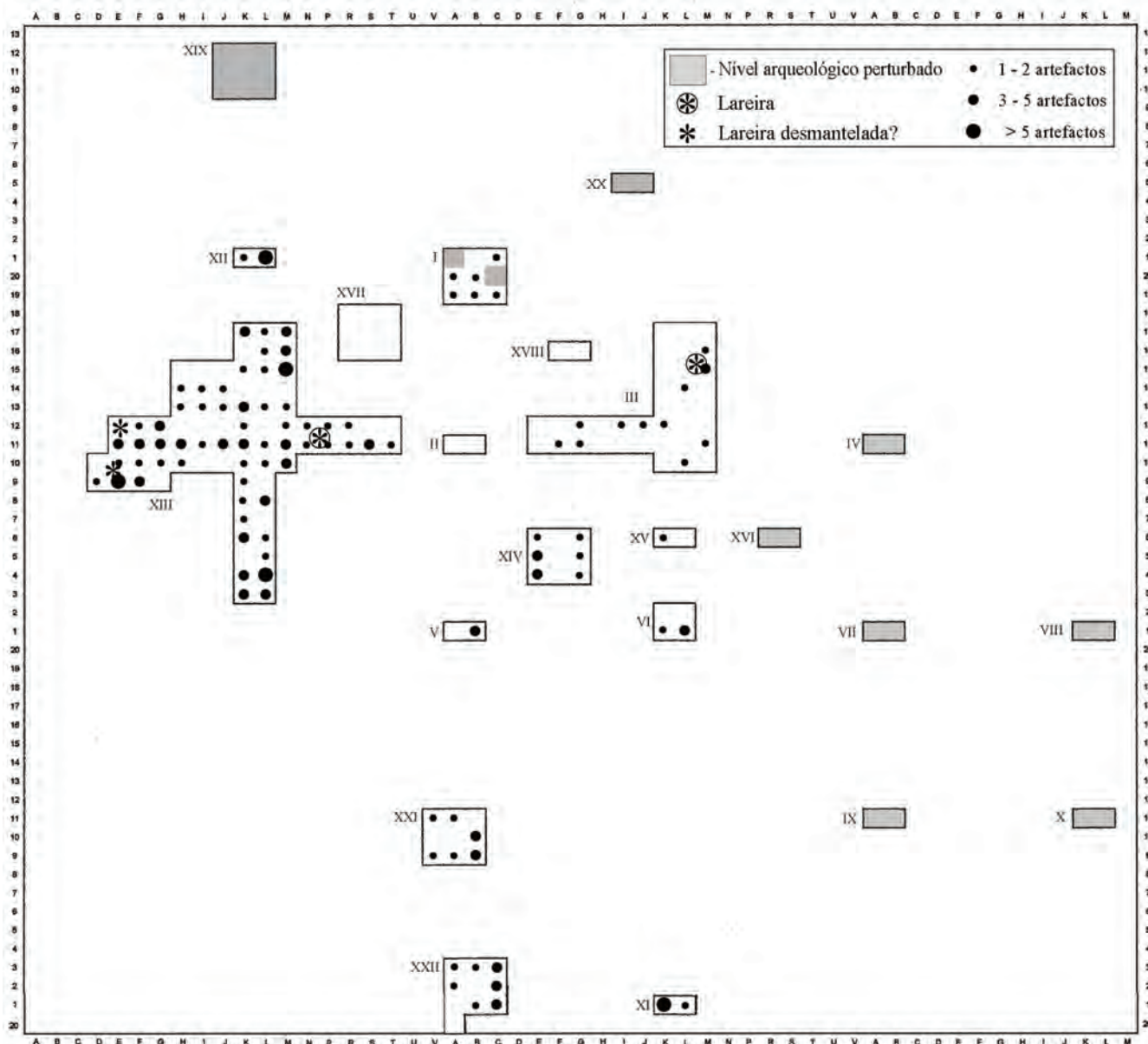


Fig. 11 – Brejo Redondo. Distribuição espacial da totalidade da indústria lítica, no nível arqueológico.

foi também confirmada nas sondagens mais extensas. Assim, na Sondagem III, com 0,4 artefactos/m², nos 36m² escavados, 25 não ofereceram qualquer peça lítica; em 10 quadrados (Qs. F-J/11-12) surgiu apenas 1 artefacto/m²; o Q. M15, onde existia uma estrutura de combustão, forneceu quatro artefactos líticos.

Na Sondagem XIII, com 80m² e 1,7 artefactos/m², a indústria lítica distribui-se em três concentrações em torno dos Qs. E9 (6 exemplares), L4 (8 exemplares) e M10 (5 exemplares). Estas concentrações coincidem ou confinam imediatamente com importantes concentrações de termoclastos; a concentração de

artefactos líticos do Q.M10 é adjacente à estrutura de combustão P11. No que se refere especificamente à indústria em sílex (Fig. 12), relativamente escassa, verifica-se que se distribui em torno da Estr. P11 e da presumível estrutura desmantelada do Q. E9, da Sondagem XIII, encontrando-se completamente ausente nas imediações da Estr. M15.

Economia da matéria-prima

A economia das matérias-primas, fortemente condicionada pelo subsistema tecnológico adoptado,

mostra (Quadro II) um nítido domínio das rochas ígneas, presentes no maciço eruptivo dos Chãos e disponíveis, sob a forma de seixos rolados, na praia contígua ao *habitat*. O quartzo leitoso e zonado, que surge em filões nos xistos do Carbónico e sob a forma de seixos rolados na praia, mostra-se uma matéria-prima de substituição; foi utilizado na produção de utensilagem de pedra lascada, em ambos os subsistemas tecnológicos e no fabrico de instrumentos em pedra bojardada; no cômputo geral (Quadro II) das matérias-primas, detêm 14,3% do número de artefactos e 6,8% do peso. O xisto, igualmente disponível no local, possui um carácter residual, em confor-

midade com as suas reduzidas dureza e resistência que lhe limitam o âmbito das aplicações. As matérias-primas autóctones detêm 86,6% do número total de artefactos e 98,4% do peso.

O sílex, inexistente na área envolvente do sítio arqueológico, possui uma baixa frequência relativa no que respeita ao número de artefactos (11%) e sobretudo no que se refere ao peso (1%) e a sua origem parece ter sido as formações mesozóicas de Santiago do Cacém.

Trata-se, pois, de um conjunto de artefactos líticos sustentado pelos recursos locais contíguos ao povoado, sem custos de transporte, complementado

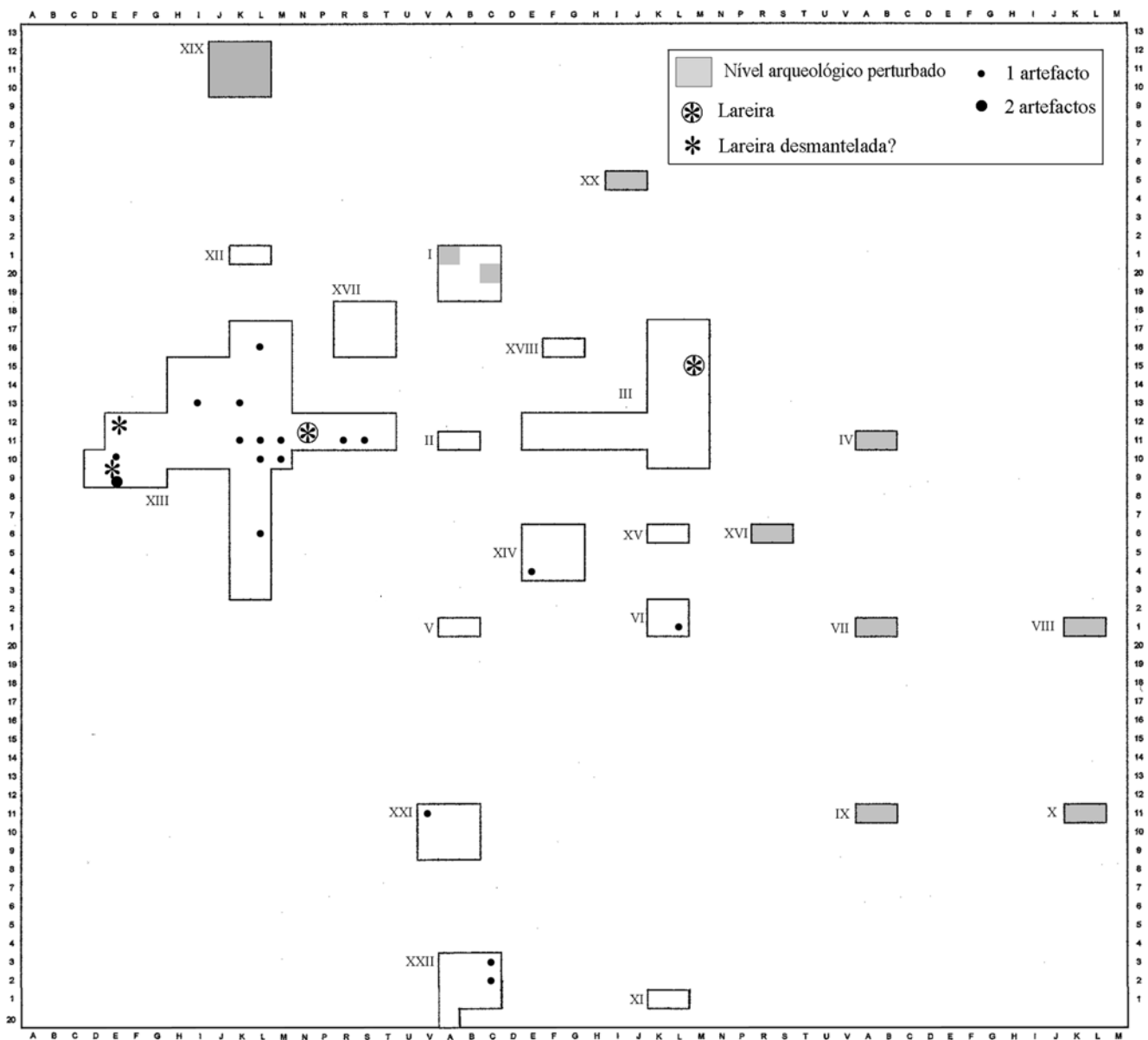


Fig. 12 – Brejo Redondo. Distribuição espacial da indústria lítica de sílex, no nível arqueológico.

por matérias-primas alógenas (sílex e anfiboloxisto), que representam somente 1,6% do peso total dos materiais pétreos usados na produção dos artefactos líticos. A origem do sílex não deverá ultrapassar a distância de 20Km relativamente ao sítio do Brejo Redondo.

Pedra Lascada

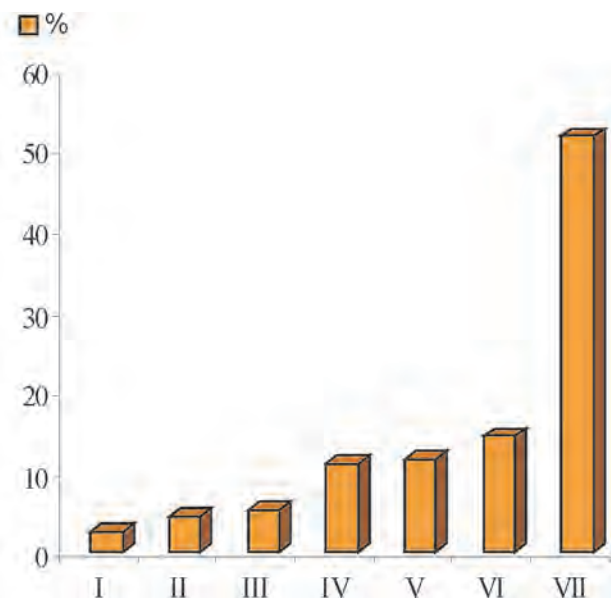
Subsistema tecnológico expedito

O conjunto lítico analisado possui um total de 186 peças (Quadro I) distribuídas por dois subsistemas tecnológicos claramente diferenciados (Soares, 1995): expedito, menos exigente em matérias-primas e em trabalho especializado e com elevado

índice de rejeição, representado por 136 artefactos (Quadro III); uso intensivo, mais exigente quer em matérias-primas, quer em trabalho especializado e de uso mais intenso e duradouro, representado somente por 50 peças (Quadro X). A estes dois subsistemas tecnológicos correspondem distintas estratégias de gestão das matérias-primas. Os artefactos pertencentes ao subsistema tecnológico expedito, que detém 73,1% da totalidade da utensilagem em pedra lascada, foram manufacturados sobre rochas locais, de uma grande variedade petrográfica, fornecidas pelo maciço eruptivo dos Chãos e roladas na praia que banha o *habitat*. Com efeito, em um total de 84 peças que conservam córtex (Quadro III), 76 exemplares foram executados a partir de seixos rolados.

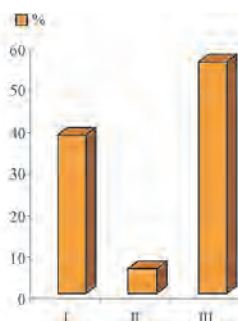
Quadro II – Brejo Redondo. Indústria lítica. Matérias-primas.

	Matéria-prima	N	%	Peso (gr.)	%
I	Anfiboloxisto	5	2,4	65	0,6
II	Xisto	9	4,3	263,8	2,6
III	Quartzito	11	5,2	200,4	2,0
IV	Sílex / Chert	23	11,0	102,2	1,0
V	Grauvaque	24	11,4	531	5,3
VI	Quartzo	30	14,3	688	6,8
VII	R. ígneas ind.	108	51,4	8254,4	81,7
	Total	210	100,0	10104,8	100,0



Quadro III – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. Origem dos suportes.

	Matéria Prima	N	%
I	Sem córtex	52	38,2
II	Superfícies corticais s/ rolamento marinho	8	5,9
III	Seixos rolados	76	55,9
	Total	136	100,0



Assim, nos 84 casos em que é possível detectar a origem do aprovisionamento, 90,5% daqueles provieram da praia próxima. Muitos dos seixos foram apenas testados e de imediato abandonados, face à má qualidade da matéria-prima (grão grosseiro e textura heterogénea), e de acordo com um comportamento determinado pela elevada acessibilidade à respectiva fonte de aprovisionamento. Atenda-se ao facto dos artefactos executados sobre seixos rolados possuírem extensas superfícies corticais (Quadro IV).

Subsistema tecnológico uso-intensivo

Somente 50 artefactos (26,9% da totalidade da indústria em pedra lascada) se integram nesta estratégia tecnológica. O sílex foi utilizado em pouco menos de metade dos efectivos, os quais apresentam áreas corticais pouco expressivas (Quadro X); não se registam indícios de rolamento marinho. Dominam as cores castanho-escuras, avermelhadas e cinzentas. Não excluindo a hipótese de várias origens, a variedade cromática de tonalidades avermelhadas parece-nos poder ser atribuída à bacia mesozóica de Santiago do Cacém; não encontramos o característico sílex da região de Sagres.

O cristal de rocha está presente em um exemplar; uma pequena lasca residual é em quartzito de grão particularmente fino; os restantes 25 artefactos foram manufacturados sobre quartzo leitoso, substituído do sílex. As peças em quartzo leitoso apresentam frequentemente córtex, com rolamento marinho, mostrando, uma vez mais, que a fonte de aprovisionamento da matéria-prima foi a praia, e não, directamente, os filões que atravessam os xistos do Carbónico marinho.

Indústria em pedra polida/bojardada

Os instrumentos em pedra polida, elaborados a partir de rochas anfíbolíticas, comuns no interior do Alentejo, encontram-se mal representados em Brejo Redondo e muito fragmentados, o que parece indicar uma utilização intensa (Quadro XVI).

Na produção de artefactos em pedra bojardada e polida/bojardada foram usados materiais locais, como rochas granitóides (elementos de mós), quartzo (percutores poliédrico-esferoidais), rochas ígneas indeterminadas, arenito ferruginoso (polidor), comum a sul da baía de Sines.

Outros

Categoria residual, onde incluímos 3 manoportes, não transformados, mas deliberadamente trans-

portados para o *habitat*, nomeadamente, cristais de rocha, e ainda fragmentos (2 exemplares) de placas de xisto com perfurações cónicas.

Análise morfotécnica

Pedra Lascada

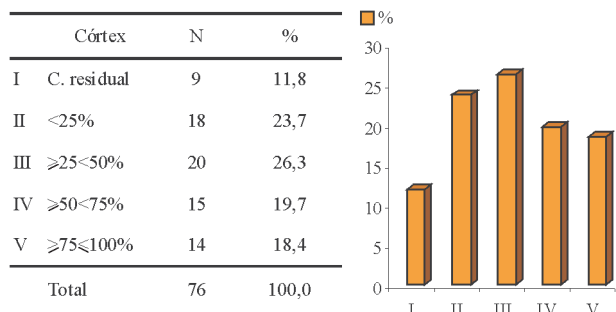
A actividade de talhe da pedra está muito bem representada no Brejo Redondo (Anexos I, II). A relação recipientes cerâmicos/instrumentos líticos (*c/il*, em Soares, 1995) é de 9%, valor francamente baixo, que aponta para uma ocupação temporária. Com efeito, a actividade de produção da utensilagem lítica teria sido conduzida em moldes próprios de um estabelecimento temporário, com uma economia de curto espectro assente, por hipótese, no marisqueio, considerando o predomínio do subsistema tecnológico expedito e a localização do *habitat* directamente sobre a vertente costeira (Figs. 1-3).

Quer as rochas locais, quer o sílex foram talhados *in situ*, estando presentes todas as etapas das cadeias operatórias representadas. Os modelos morfológicos e a técnica de talhe seguidos têm de ser analisados no contexto do respectivo subsistema tecnológico.

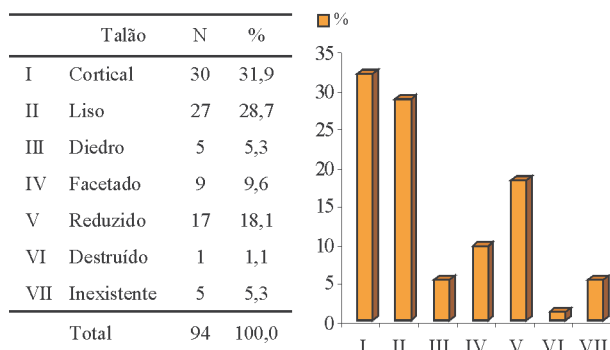
Subsistema tecnológico expedito

Os artefactos expeditos absorveram a maior fatia da actividade de talhe lítico, como atrás se disse; a percussão directa detém 75,5% (Quadro VII). Os talões corticais e lisos ultrapassam ligeiramente os 60% (Quadro V). Dominam os bolbos medianamente desenvolvidos (Quadro VI). Os subprodutos de talhe (Quadro VIII) encontram-se bem representados (22,1%). Os núcleos, de lascas (Fig. 13), em número de sete, concentram cerca de 30% da massa lítica talhada (Quadro VIII). As lascas brutas, cujo comprimento é superior a 2cm (Quadro IX), detém uma significativa frequência relativa (41,9%); em geral, são curtas e largas; possuem as seguintes dimensões médias 38,6x33,4x11,3mm. As lascas com vestígios de uso são ligeiramente mais longas que as anterio-

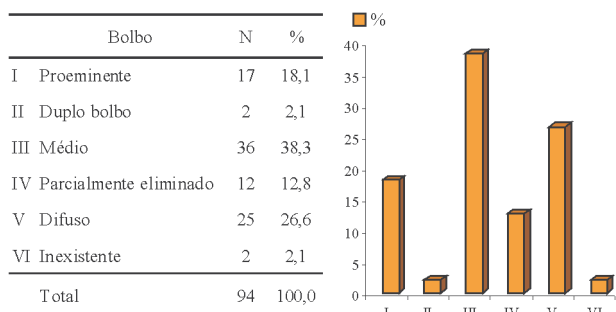
Quadro IV – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. Extensão do córtex nos artefactos executados sobre seixos rolados.



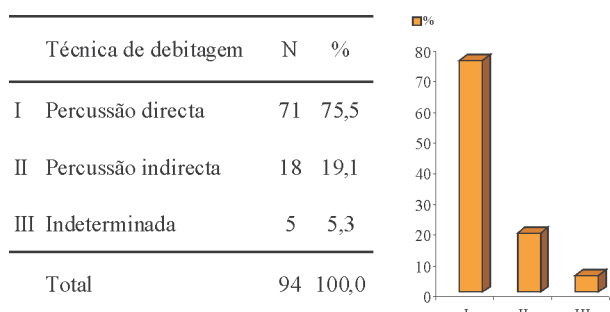
Quadro V – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. Tipos de talão.



Quadro VI – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. Tipos de bolbo.



Quadro VII – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. Técnica de debitagem.



Quadro VIII – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. Dimensões e peso médios das principais categorias morfofuncionais.

Tipo	L. máx. (mm)		l. máx. (mm)		Esp. máx. (mm)		e/l		Peso (gr.)	%
	N	%	\bar{X}	S	\bar{X}	S	\bar{X}	S		
Núcleos*	7	5,1	90,5 ± 34,6	43,0 ± -	37,3 ± 13,0	0,6 ± -	1709,8	29,9		
Subprodutos de talhe	30	22,1	35,1 ± 11,8	29,8 ± 13,6	12,5 ± 6,9	0,4 ± 0,2	503	8,8		
Produtos de debitagem	57	41,9	38,6 ± 12,0	33,4 ± 13,4	11,3 ± 5,1	0,4 ± 0,1	958	16,8		
Utensílios retocados sobre lasca	20	14,7	47,2 ± 15,3	47,2 ± 18,5	17,2 ± 8,4	0,4 ± 0,1	978	17,1		
Utensílios c/ vest. de uso s/ lasca	6	4,4	41,8 ± 8,2	39,6 ± 17,9	11,0 ± 2,8	0,4 ± 0,2	123,8	2,2		
Utensílios nucleares	16	11,8	72,7 ± 10,0	58,3 ± 14,5	19,5 ± 12,7	0,5 ± 0,1	1442,2	25,2		

L. máx. - comprimento máximo das peças inteiras; l. máx. - largura máxima; esp. máx. - espessura máxima; e/l - índice de adelgaçamento (esp. máx./ larg. máx.).

* Dos sete núcleos apenas em um exemplar, por estar completo, foi possível obter medidas.

Quadro IX – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. Tipologia.

Tipos	N	%
Núcleos	7	5,1
Subprodutos de talhe	30	22,1
Resíduos	17	
Lascas residuais	5	
Lascas de acondicionamento de núcleo	8	
Lascas não retocadas	57	41,9
Utensílios retocados sobre lasca	20	14,7
Lascas c/ retoque marginal e parcial	8	
Lascas com entalhe	1	
Lascas denticuladas	8	
Raspadores sobre lasca	3	
Utensílios com vestígios de uso	6	4,4
Lascas com vestígios de uso	6	
Utensílios nucleares	16	11,8
Seixos afeiçoados unifacialmente	1	
Seixos truncados	3	
Raspadores sobre seixo	4	
Picos	1	
Pesos de rede	1	
Paletas	6	
Total	136	100,0

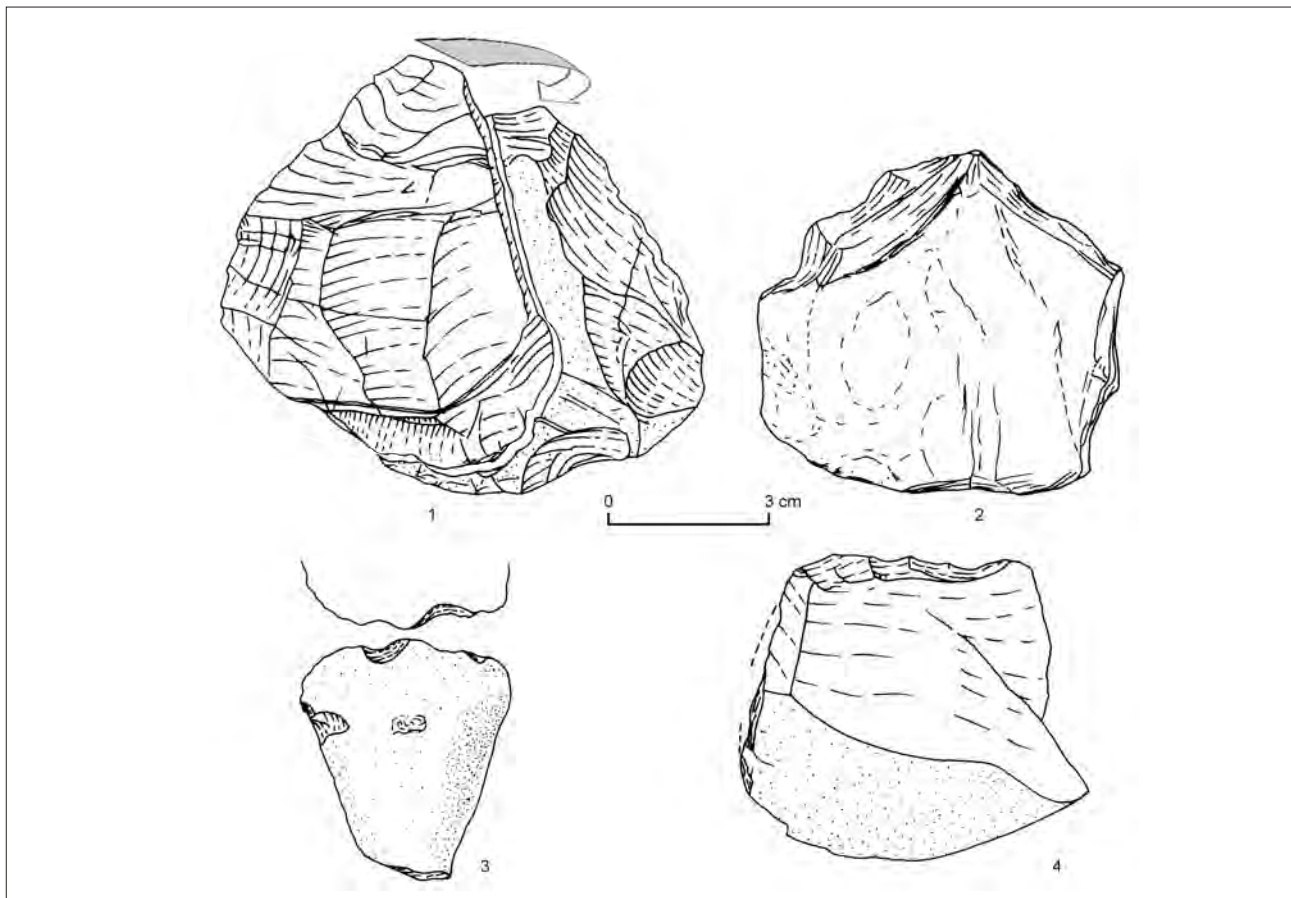
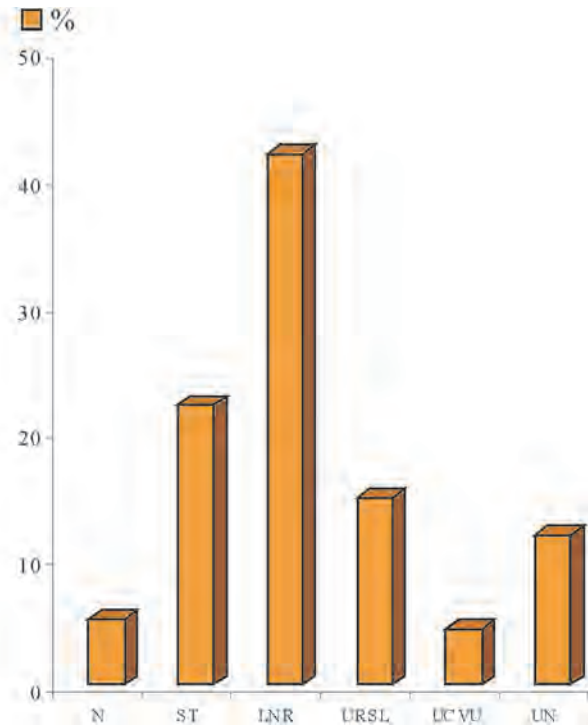


Fig. 13 – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico expedito. 1 - Núcleo irregular, com dois planos de percussão principais, sobre seixo rolado de rocha ígnea (BR/124); 2 - Raspador discoidal denticulado sobre rocha ígnea (BR/165); 3 - Lasca cortical primária, denticulada, com retoque alternante e oblíquo no bordo distal, sobre rocha ígnea (BR/177); 4 - Lasca denticulada sobre rocha ígnea (BR/166).

res; o padrão tipométrico médio das lascas transformadas pelo retoque regista um nítido aumento relativamente ao das lascas brutas. Os utensílios nucleares (Quadros VIII e IX) detêm 11,8%.

Os utensílios retocados sobre lasca abrangem 14,7% da totalidade dos artefactos do subsistema tecnológico expedito (Quadros VIII e IX e Fig. 13); são dominados pelos entalhes e denticulados (9 exemplares), seguidos pelas lascas com retoque simples, marginal e parcial (8 exemplares) e pelos raspadores sobre lasca (3 exemplares). Os utensílios nucleares encontram-se representados por tipos relativamente pouco especializados (seixos afeiçãoados unifacialmente e truncados), por raspadores maciços, em geral bem representados nestes contextos, e pesos de rede. Pesos de rede similares têm sido encontrados em contextos mais recentes, que documentam bem a longevidade deste tipo de artefacto; a título de exemplo, refira-se o achado de um conjunto de 24 exemplares no estrato do horizonte campaniforme da “cabana” M13 do povoado fortificado calcolítico do Porto das Carretas, debruçado sobre o rio Guadiana (Tavares da Silva e Soares, 2002). Sob a designação de *paletas*, reunimos um conjunto de placas de xisto, de contorno subcircular/oval, afeiçãoadas perifericamente.

Subsistema tecnológico uso-intensivo

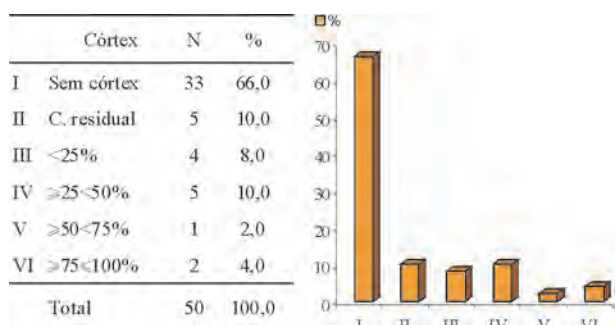
Embora com um pequeno número de artefactos, este subsistema, mais sensível à mudança e mais exi-

gente quanto à capacidade técnica e qualidade da matéria-prima, permite algumas inferências de carácter cronológico e cultural.

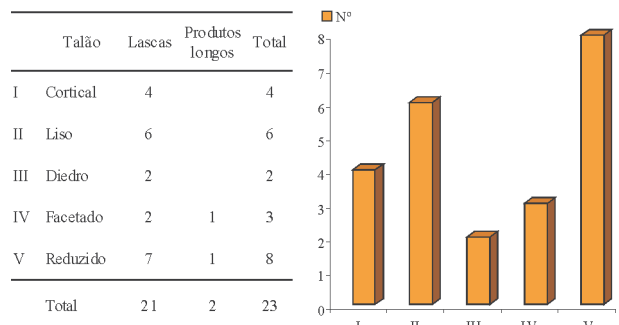
No que concerne à técnica de debitagem (Quadro XIII), domina claramente a percussão indirecta. O aquecimento prévio da matéria-prima não foi detectado; registaram-se alterações térmicas devidas ao fogo, durante a fase de uso e/ou de rejeição, em 5 peças de sílex. Os talões diedros, facetados e reduzidos foram observados em 13 casos, em um total de 23 registos (Quadro XI). Os subprodutos de talhe estão muito bem representados, com 24 exemplares, que correspondem a 48,0% do número de objectos deste subsistema (Quadro XV) e a 55% da massa das matérias-primas usadas; as suas dimensões médias são 24,9x20,0x9,8mm (Quadro XIV). Os núcleos encontram-se presentes com 2 exemplares discoidais de lascas, em quartzo, e 2 exemplares em sílex, muito exaustos e fragmentados. Os produtos de debitagem são constituídos exclusivamente por lascas. Surgiram somente dois produtos longos, em sílex, transformados pelo retoque e pelo uso (Quadro XIV).

Com um total de apenas 50 exemplares, é difícil caracterizar tipometricamente este conjunto artefactual. Pelas mesmas razões, se devem colocar as necessárias reservas às interpretações de carácter tipológico. Assim, no que concerne a esta vertente de análise (Quadro XV e Fig. 14), importa sublinhar o domínio dos grupos tipológicos não especializados dos entalhes e denticulados e das peças com retoque simples, marginal e parcial (os dois grupos com 8 exemplares em um total de 14 utensílios) e a presença de uma lâmina retocada (Fig. 14, nº5) que, em termos

Quadro X – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. Córtex.

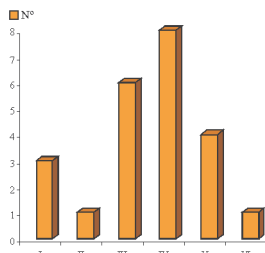


Quadro XI – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. Tipos de talão.



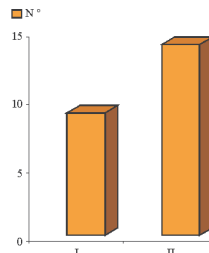
Quadro XII – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. Tipos de bolbo.

Bolbo	Lascas	Produtos longos	Total
I Proeminente	3		3
II Duplo bolbo	1		1
III Médio	5	1	6
IV Parcialmente eliminado	7	1	8
V Difuso	4		4
VI Destruído	1		1
Total	21	2	23



Quadro XIII – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. Técnica de debitação.

Técnica de debitação	Lascas	Produtos longos	Total
I Percussão directa	9		9
II Percussão indirecta	12	2	14
Total	21	2	23



Quadro XIV – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. Dimensões e peso médios das principais categorias morfofuncionais.

Tipo	L. máx. (mm)			l. máx. (mm)		Esp. máx. (mm)		e/l		Peso (gr.)
	N	\bar{X}	S	\bar{X}	S	\bar{X}	S	\bar{X}	S	
Núcleos	4	33,0	± 18,4	29,5	± 17,7	20,0	± 5,9	0,8	± 0,20	101
Subprodutos do talhe	24	24,9	± 13,7	20,0	± 12,2	9,8	± 5,2	0,4	± 0,08	199,2
Produtos de debitação	8	30,8	± 9,0	23,3	± 7,5	8,3	± 2,7	0,4	± 0,18	44
Utensílios retocados sobre lasca*	9	27,5	± 7,3	17,6	± 3,8	7,0	± 2,9	0,4	± 0,16	30,2
Utensílios c/ vest. de uso s/ lasca**	2	26,0	± 11,3	20,0	± 4,2	6,5	± 2,1	0,3	± 0,04	7,2

L. máx. - comprimento máximo das peças inteiras; l. máx. - largura máxima; esp. máx. - espessura máxima; e/l - índice de adelgaçamento (esp. máx./ larg. máx.).

* Foram excluídos os utensílios sobre os suportes resíduo e lâmina.

** Foi excluído o único suporte lamelar do conjunto.

qualitativos, aponta na direcção do Neolítico antigo evolucionado ou mesmo do Neolítico médio.

Indústria em pedra polida/bojardada

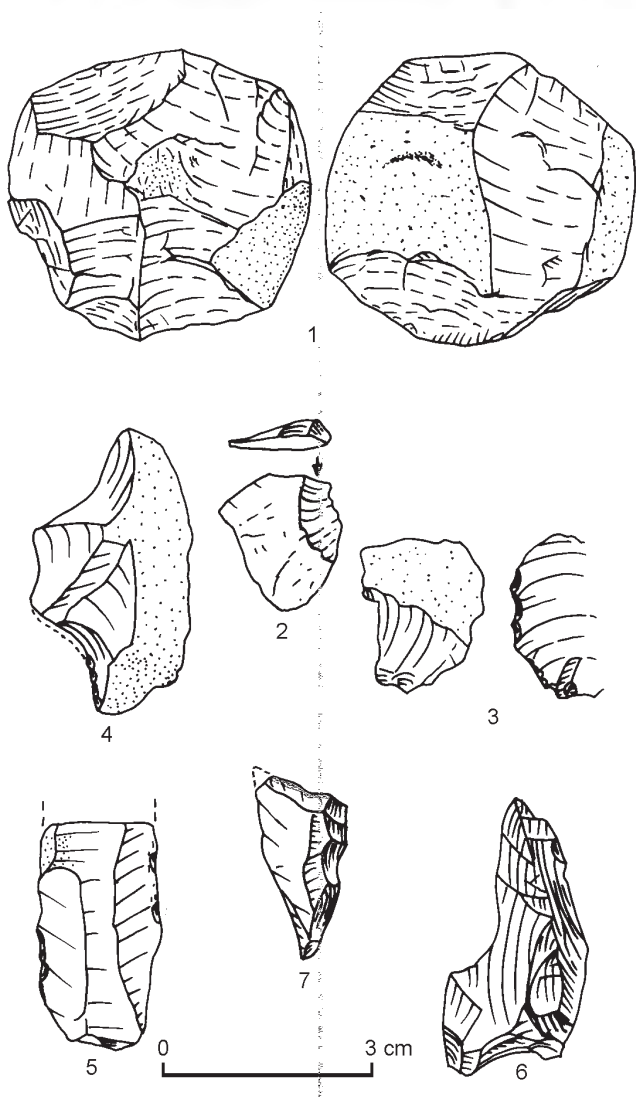
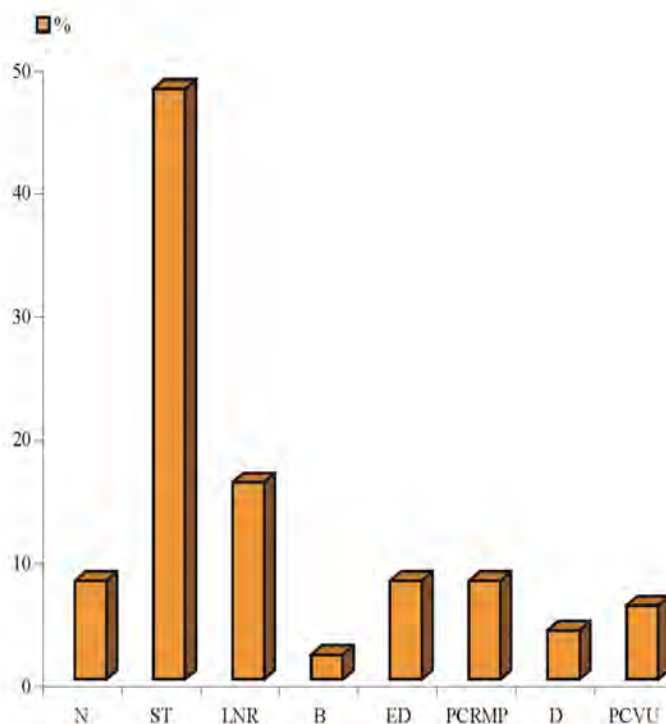
A indústria em pedra polida/bojardada, embora com um peso secundário, adquire relevância sob o pressuposto de nos encontrarmos em um estabelecimento temporário, dedicado talvez ao marisqueio. O

seu uso foi deveras intensivo, se atendermos ao estado de fragmentação dos artefactos. De entre os fragmentos de cinco instrumentos em pedra polida (Quadro XVI), apenas foi possível identificar um provável gume de enxó. Um desses fragmentos poderá mesmo ter sido reutilizado como núcleo de lascas (cf. Inv. BR192, Anexo I).

Os artefactos bojardados, sobre rochas locais, são maioritários, destacando-se quatro percutores poliédrico-esferoidais e três fragmentos de elementos de

Quadro XV – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. Tipologia.

Tipos	N	%
Núcleos	4	8,0
Subprodutos de talhe	24	48,0
Resíduos	20	
Lascas residuais	3	
Lascas de acondicionamento de núcleo	1	
Lascas não retocadas	8	16,0
Buril	1	2,0
Buril de ângulo sobre fractura	1	
Entalhes e denticulados	4	8,0
Denticulado sobre resíduo	1	
Denticulado sobre lasca	3	
Peças com retoque marginal e parcial	4	8,0
Lasca com retoque marginal e parcial	3	
Lâmina com retoque marginal e parcial	1	
Diversos	2	4,0
Ponta atípica sobre resíduo	1	
Ponta atípica s/ lasca de crista	1	
Peças com vestígios de uso	3	6,0
Lasca com vestígios de uso	2	
Lamela com vestígios de uso	1	
Total	50	100,0



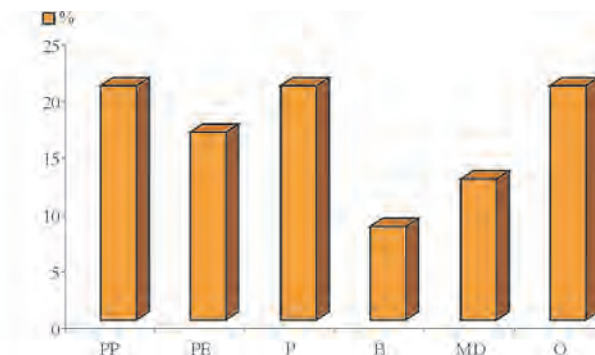
mó dormentes. Surgiram ainda cinco polidores e duas bigornas. Se a necessidade de trabalhar a madeira é perfeitamente justificável neste tipo de *habitat*, parece-nos difícil explicar a presença de elementos de mó, nos termos da sua aplicação à farinação de cereais. A trituração de outros vegetais, nomeadamente algas, constitui um amplo campo de possibilidades, que por agora se oferece apenas à especulação.

CERÂMICA

A escavação proporcionou 64 fragmentos de cerâmica pré-histórica, tendo sido exumados 45 (70%) na base da C.2/topo da C.3, e os restantes 19 (30%),

Fig. 14 – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. 1 - Núcleo discoidal de lascas, em quartzo (BR/44); 2 - Buril de ângulo sobre truncatura, em quartzo leitoso (BR/150); 3 - Lasca denticulada, em sílex (BR/82); 4 - Lasca de descorticação secundária com retoque simples, em sílex (BR/38); 5 - Lâmina com retoque simples, parcial e marginal, em sílex (BR/112); 6 - Ponta atípica sobre lasca de crista, em sílex (BR/35); 7 - Lamela de acondicionamento de núcleo com vestígios de uso no bordo distal (BR/171), em sílex.

Tipos	N	%
Instrumentos em pedra polida	5	20,8
Percutores poliédrico-esferoidais	4	16,7
Polidores	5	20,8
Bigornas	2	8,3
Mós dormentes	3	12,5
Outros	5	20,8
Total	24	100,0



na parte superior da C.2 e na C.1.

No que se refere ao material cerâmico proveniente do nível de ocupação, predominam (60%) os fragmentos sem ou com escasso rolamento, cuja dimensão máxima se situa entre 25 e 50mm; os restantes (ca 40%) distribuem-se do seguinte modo: 20% * 25mm; 10% entre 50 e 100mm; 10% entre 100 e 150mm. Na sua distribuição horizontal (Fig. 15), verifica-se que as maiores densidades ocorrem nas sondagens XIV e XIII (especialmente nos quadrados das fiadas 11 a 14), coincidindo com elevadas densidades de termoclastos e de artefactos líticos. De notar que a Estrutura P11 (Sondagem XIII) continha três grandes fragmentos de cerâmica, facto que sugere o desempenho de funções culinárias pela referida estrutura.

O conjunto cerâmico do nível arqueológico mostra-se, quando observado macroscopicamente, muito homogêneo no que concerne à pasta e cor: pasta compacta, com escassos elementos não plásticos superiores a 0,5mm, mas pontuada por elementos de quartzo com 2 a 5mm; superfícies castanho-avermelhadas (Munsell 5YR4/3) e fractura com zonas superficiais vermelhas (2.5YR4/6) e zona intermédia vermelha muito escura (2.5YR3/2), o que parece corresponder a cozedura processada em ambiente reductor, com fase final oxidante. O tratamento das superfícies foi o alisamento simples. Somente sete fragmentos conservam o bordo, que se apresenta simples e de lábio convexo (6 exemplares) ou convexo-aplanado (1 exemplar); correspondem a formas ovóides ou esferoidais, ligeiramente fechadas (Fig. 16, nº 2), em 6 fragmentos, ou em calote aberta (1

fragmento, Fig. 16, nº 1). O exemplar de maiores dimensões tem a forma de “saco” e a boca possui cerca de 0,30m de diâmetro.

O fragmento de um recipiente cerâmico, ligeiramente fechado, possui uma pequena asa vertical encimada por ténue saliência mamilar, asa que arranca do lábio do recipiente (Fig. 16, nº 5). Este tipo de preensão é muito característico do Neolítico antigo evolucionado.

Um outro vaso, esferoidal ou ovóide, de pequenas dimensões, apresenta na superfície externa, imediatamente abaixo do bordo, uma faixa decorada por duas fiadas horizontais de impressões em crescente (Fig. 16, nº 3), obtidas provavelmente através de um hemi-caule oco.

Um terceiro recipiente, de corpo igualmente esferoidal ou ovóide, e bordo ligeiramente extrovertido, possui um esboço de sulco largo, horizontal, imediatamente abaixo do bordo (Fig. 16, nº 4), decoração que ocorre a partir do Neolítico antigo evolucionado (por exemplo na Salema, concelho de Santiago do Cacém, Tavares da Silva e Soares, 1981) e se torna muito comum no Neolítico médio.

CONCLUSÕES

O *habitat* neolítico do Brejo Redondo localizou-se sobre substrato arenoso, no topo de vertente litoral confinante com praia arenosa e imediatamente a norte da baía de S. Torpes, onde desagua a Ribeira da Junqueira. A sua acessibilidade aos recursos marinhos era elevada. A foz da Ribeira da Junqueira, rela-

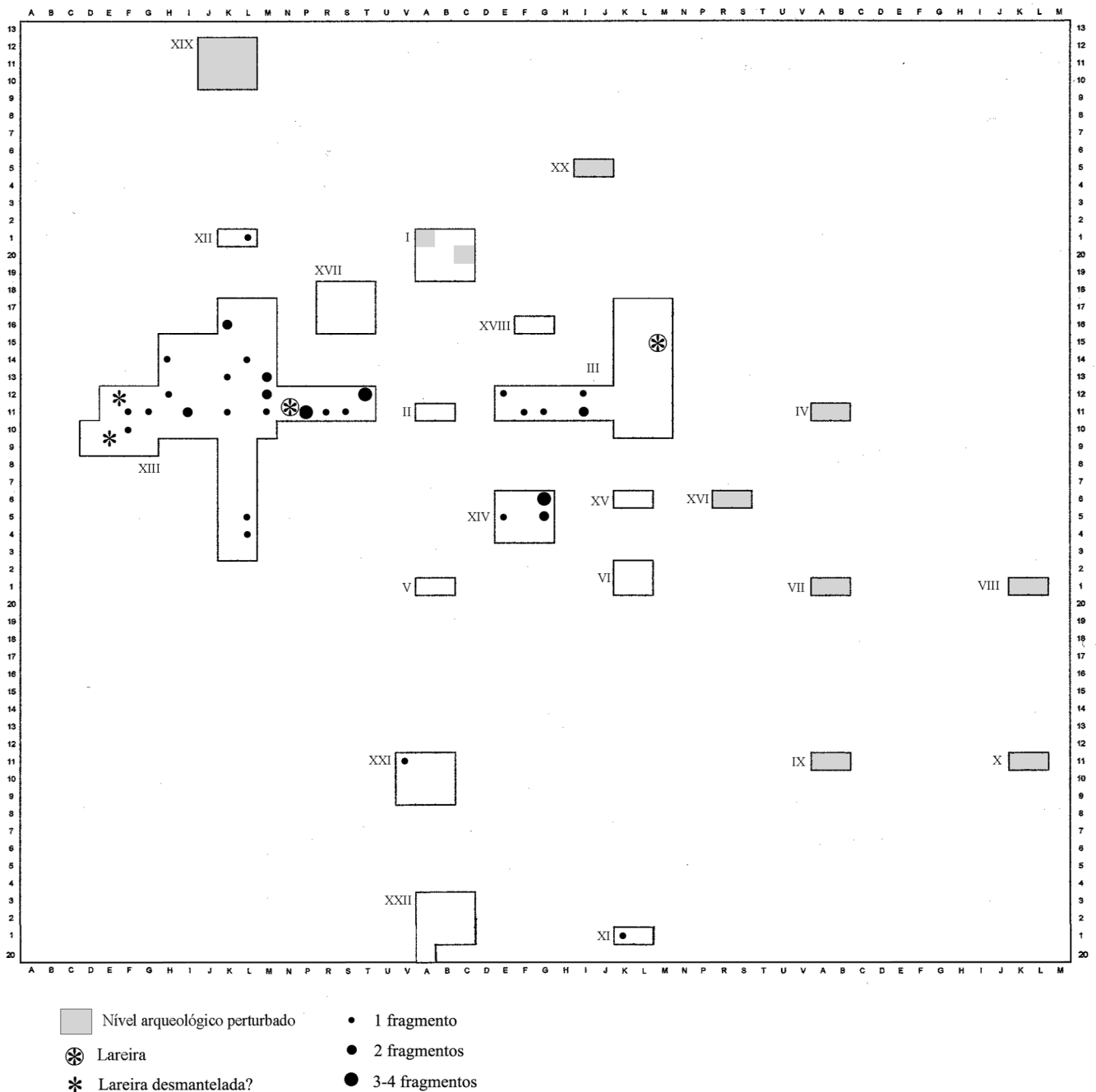


Fig. 15 – Brejo Redondo. Distribuição espacial da cerâmica no nível arqueológico.

tivamente próxima, seria por certo um bebedouro frequentado por caça de médio e grande porte. Na base do *habitat*, nos taludes naturais que caem sobre a praia, observam-se aquíferos.

A indústria em pedra lascada concentra a maior parte dos testemunhos da cultura material do sítio de Brejo Redondo. O carácter expedito ou imediatista da maioria dos seus artefactos dá-nos conta da prática *in situ* da actividade de talhe lítico, tendo como suporte matérias-primas recolhidas na praia contí-

gua e modelos morfofuncionais pouco especializados, que se enraízam numa tradição milenar de macro-utensilagem expedita e que sobreviverão a este período. Assim, estão presentes neste subsistema tecnológico duas cadeias operatórias que se iniciam no núcleo-teste ou pré-núcleo ensaiado a partir de seixo rolado e conduzem, através das técnicas de de-bitagem e do retoque, à elaboração de instrumentos sobre lasca, como raspadores ou denticulados ou à manufactura de instrumentos nucleares a partir do

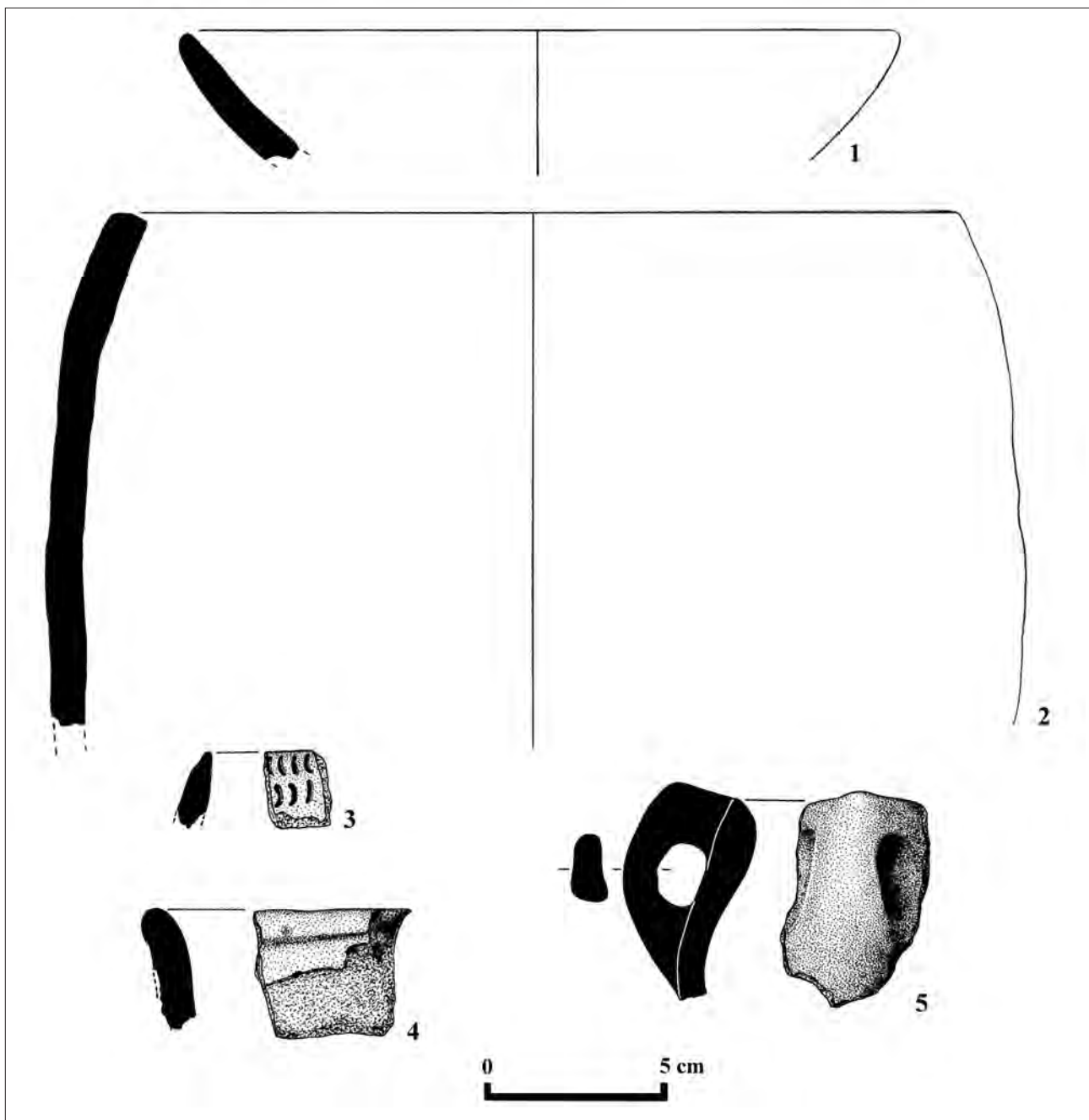


Fig. 16 - Brejo Redondo. Cerâmica neolítica. Os n^os 3 e 4 possuem decoração, respectivamente, impressa e incisa.

desbaste controlado da massa do próprio núcleo. O padrão morfométrico dos produtos debitados é constituído pela lasca curta, de espessura média. Ausentes os produtos longos.

O subsistema tecnológico uso-intensivo é claramente minoritário; o sílex é suplantado pelo quartzo leitoso com evidente perda de eficiência. As formações mesozóicas de Santiago do Cacém teriam constituído a fonte de aprovisionamento do sílex. Os artefactos são pouco especializados, registando-se a pre-

sença de somente duas peças longas, apontando uma delas (lâmina com retoque simples, marginal e parcial) para um momento tardio dentro de Neolítico antigo, ou seja, para o Neolítico antigo evolucionado ou mesmo para o Neolítico médio. Não se registou a presença de grupos tipológicos ou de quaisquer tipos característicos do pleno Neolítico antigo.

A indústria em pedra polida/bojardada apresenta um elevado índice de fragmentação, grau de exaustão próprio de uma sobre-utilização dos instrumen-

tos, alguns deles manufacturados sobre rochas anfibolíticas, não locais.

A distribuição espacial dos artefactos líticos mostra uma concentração em torno das raras estruturas de combustão detectadas, principalmente da lareira P11 e da mancha de termoclastos dos Qs.E9-E10 (Sond. XIII).

A importância do fogo no ambiente doméstico é confirmada pelas suas marcas sobre diversos artefactos de sílex.

Embora o número das peças em sílex seja reduzido (23 exemplares) e as generalizações a partir desta amostra, frágeis, constatou-se uma clara polarização da sua distribuição em torno da Estr. P11, facto que permite supor alguma especialização funcional no que concerne às estruturas de combustão. Observação similar foi efectuada, por exemplo, no povoado neolítico do Gaio (Moita).

A fraca densidade dos materiais arqueológicos, associada ao domínio do subsistema tecnológico expedito, sugere a existência no local de um estabelecimento temporário de curta duração, cuja vocação pode ter sido a exploração dos recursos marinhos, objectivos legíveis não só no padrão locativo do *habitat*, mas também no caminho do mar claramente indicado pelas matérias-primas. A não conservação de matéria orgânica impede-nos de confirmar tal hipótese através de testemunhos directos.

A indústria lítica em sílex, embora escassa, sugere uma cronologia do Neolítico antigo evolucionado ou dos alvores do Neolítico médio. A cerâmica apon-

ta no mesmo sentido. Esta jazida vem trazer alguma luz ao pouco conhecido intervalo cronológico situado entre o pleno Neolítico antigo de Vale Pincel I e o Neolítico médio da Palmeirinha. Confirma, igualmente, o intenso e contínuo povoamento humano da encosta sul dos Chãos de Sines, desde o Mesolítico até à Idade do Bronze (Tavares da Silva e Soares, 1981 e 1984).

REFERÊNCIAS

CANILHO, M. H. S. (1971) - *Estudo geológico-petrográfico do maciço eruptivo de Sines*. Dissertação de Doutoramento em Geologia. Lisboa, Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

MEIRELES, J. (1992) - *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental* (Cadernos de Arqueologia, monografias), Braga, Universidade do Minho.

OLIVEIRA, J. T. et al. (1984) - *Carta geológica de Portugal à escala de 2000000. Notícia explicativa da Folha 7*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

SOARES, J. (1995) - Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, VI (Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35-2)*, p. 27-45.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1981) - *Pré-história da Área de Sines*. Lisboa, Gabinete da Área de Sines.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1984) - A estratégia do povoamento dos Chãos de Sines durante a Pré-história. *Volume d'Hommage au géologue Georges Zbyszewsky*. Paris, Éditions Recherche sur les Civilisations, p. 393-410.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (2002) - Porto das Carretas: um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana. *Al.madan*, 11 (II Série), p. 176-180.

Anexo I – Brejo Redondo. Indústria Lítica. Subsistema tecnológico expedito. Inventário e classificação.

Inv.	S.	Sond	Q.	C.	L.máx. mm	l.máx. mm	Esp. mm	e/l	Peso gr	Tipo	Conservação	Matéria prima	Secção transversal	Área de cortex	Cortex / rolamento	Talão	Bolbo	Cor	
BR001	24	XIII	T11	3A	40	44	13	0,30	24,8	Lasca não retocada c/ vest. de uso	Completa	Quartzito	Irregular	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Proeminente	10 YR 5/4	
BR002	24	XIII	R11	3A	32	15	9	0,60	4,6	Lasca não retocada	Completa	Corneana	Trapezoidal	Sem		Liso	Difuso	5 Y 4/1	
BR003	24	XIII	M11	3A	36	17	10	0,59	14,2	Lasca não retocada c/ vest. de uso	Completa	Rocha ígnea	Triangular	≥50<75%	Seixo rolado	Reduzido	Difuso	10 R 4/3	
BR004	24	XIII	L4	3A	38	32	11	0,34	10,2	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Sub-triangular	<25%	Seixo rolado	Cortical	Duplo bolbo	N7	
BR005	24	XIII	L4	3A	28	23	7	0,30	4,2	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Difuso	N6; N7	
BR007	24	XIII	K3	3A	49	59	22	0,37	50,2	Lasca c/ retoque parcial e marginal	Completa	Rocha ígnea	Sub-triangular	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Médio	5 Y 6/1	
BR008	24	XIII	K3	3A	53	34	8	0,24	20,2	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Convexo-cônc.	<25%	Seixo rolado	Inexistente	Médio	N4; 5 Y 4/1	
BR009	24	XIII	K8	3A	71	70	42	0,60	280	Seixo truncado	Completa	Rocha ígnea	Oval	≥75≤100%	Seixo rolado			5 YR 5/1	
BR010	24	XIII	L4	3A	44	23	8	0,35	7,2	Lasca não retocada	Frag. distal	Rocha ígnea	Sub-trapez.	≥25<50%	Seixo rolado	Inexistente	Difuso	5 Y 6/1; 5 Y 4/1	
BR011	24	XIII	L4	3A	35	30	9	0,30	4,2	Lasca não retocada	Completa	Quartzito	Triangular	Sem		Liso	Médio	5 YR 7/2; 10 YR 5/4	
BR012	24	XIII	L4	3A	31	17	6	0,35	4,2	Lasca não retocada	Frag. long.	Rocha ígnea	Triangular	Residual	Seixo rolado	Cortical	Difuso	5 YR 5/1	
BR013	24	XIII	H13	3A	41	73	12	0,16	27,6	Lasca com entalhe	Completa	Corneana	Sub-trapez.	Residual	Seixo rolado	Cortical	Médio	5 Y 5/1	
BR014	24	XIII	L3	3A	80	39	9		43,4	Peso de rede	Frag. long.	Xisto grau.	Indeterminado	50%	Seixo rolado			5 Y 6/1; 5 GY 4/1	
BR016	24	XIII	J14	3A	42	23	7	0,30	5,4	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Trapezoidal	Sem		Reduzido	Médio	10 YR 4/2	
BR017	31	XII	L1	3A	50	47	17		43,4	Resíduo		Rocha ígnea	Triangular	≥25<50%	Seixo rolado			5 YR 5/2; 10 YR 4/2; 10 YR 6/2	
BR018	31	XII	L1	3A	46	29	18	0,62	21,4	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Reduzido	Parcial/ eliminado	10 YR 6/2; 10 YR 4/2; 10 YR 3/2	
BR020	24	XIII	J13	3A	44	38	21	0,55	34,8	Lasca denticulada	Completa	Quartzito	Triangular	≥25<50%	Seixo rolado	Liso	Difuso	10 YR 6/2; 5 YR 4/1	
BR021	24	XIII	M16	3A	29	30	10		8,4	Resíduo		Xisto ardoso		Sem				5 Y 4/1	
BR022	24	XIII	G12	3A	57	55	23	0,42	53,4	Lasca não retocada	Completa	Grauaque	Irregular	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Parcial/ eliminado	N3	
BR023	24	XIII	E9	3A	83	57	7		41,2	Paleta afeioada perifericamente	Completa	Xisto ardoso	Indeterminado	-	-				5 YR 6/1
BR024	24	XIII	E9	3A	38	22	12		6,8	Resíduo		Rocha ígnea		≥25<50%	Seixo rolado			10 YR 6/2; 5 Y 6/1	
BR025	24	XIII	E9	3A	26	23	12		3,8	Resíduo		Xisto silicioso		Sem				5 Y 6/1	
BR027	24	XIII	S11	3A	43	66	23	0,35	51	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Irregular	≥50<75%	Seixo rolado	Cortical	Proeminente	5 YR 4/4	
BR028	24	XIII	I14	3A	31	20	10	0,50	6	Lasca não retocada	Completa	Quartzito	Triangular	≥75≤100%	Seixo rolado	Facetado	Difuso	5 YR 8/1; N7	
BR029	24	XIII	I13	3A	44	43	8		17,4	Resíduo		Corneana		≥25<50%	Seixo rolado			N5 a N2	
BR030	24	XIII	I13	3A	56	72	19	0,26	46,2	Raspador sobre lasca	Frag. long.	Grauaque	Irregular	Sem		Liso	Proeminente	10 YR 6/2; 10 YR 4/2	
BR031	24	XIII	M17	3A	38	30	16	0,53	14,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Sub-triangular	≥50<75%	Seixo rolado	Liso	Médio	N4	
BR032	24	XIII	G10	3A	36	22	10	0,45	4,4	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Médio	N4 e N3	
BR034	24	XIII	H11	3A	19	26	5	0,19	2	Lasca residual	Completa	Rocha ígnea	Plano-convexo	Sem		Reduzido	Proeminente	10 YR 5/2	
BR036	24	XIII	L11	3A	28	34	6	0,18	5,4	Lasca denticulada	Completa	Rocha ígnea	Plano-convexo	Sem		Reduzido	Difuso	10 YR 5/2	
BR037	24	XIII	K6	3A	78	55	8		42	Frag. de paleta afeioada periférica/	Frag. long.	Xisto ardoso	Indeterminado	-	-				N7 a N4
BR039	24	XIII	E11	3A	50	16	14	0,88	11,6	Lasca de crista não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Difuso	5 Y 6/1	
BR040	24	XIII	E11	3A	23	15	5		1,2	Resíduo		Xisto silicioso		Sem				N4	
BR041	24	XIII	K12	3A	35	35	14	0,40	10,8	Lasca não retocada	Frag. long.	Grauaque	Irregular	Residual	Seixo rolado	Cortical	Parcial/ eliminado	N3 e N4	
BR043	24	XIII	D9	3A	21	15	6	0,40	1,6	Lasca residual	Completa	Xisto silicioso	Triangular	≥50<75%	Seixo rolado	Facetado	Médio	5 Y 5/1	
BR046	24	XIII	M11	3A	35	19	8	0,42	6,2	Lasca não retocada	Frag. long.	Grauaque	Triangular	<25%	Seixo rolado	Cortical	Difuso	5 Y 4/1	
BR047	24	XIII	L10	3A	41	42	16	0,38	31	Lasca de acond. de núcleo	Completa	Rocha ígnea	Irregular	Residual	Seixo rolado	Cortical	Médio	N5; 5 GY 5/1	
BR049	24	XIII	K11	3A	18	16	5	0,31	1	Lasca residual	Frag. long.	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Proeminente	5 YR 7/2; 5 YR 6/2	
BR051	24	XIII	F11	3A	39	30	13	0,43	13	Lasca de acond. de núcleo	Completa	Grauaque	Irregular	Sem		Liso	Difuso	N5 e N4	
BR052	24	XIII	E10	3A	48	33	15	0,45	16,4	Lasca não retocada	Frag. long.	Rocha ígnea	Irregular	<25%	Seixo rolado	Cortical	Médio	5 YR 6/2; 10 YR 6/2; N6	
BR054	24	XIII	L8	3A	66	43	25	0,58	68	Núcleo irregular de lascas	Completa	Xisto silicioso	Poligonal	≥25<50%	Seixo rolado				N3; 5 Y 4/1; 5 Y 8/1; 5 GY 6/1
BR055	24	XIII	L8	3A	30	31	21	0,68	25	Frag. de raspador nucleiforme	Frag. distal	Grauaque	Trapezoidal	Sem					5 YR 5/1; 5 Y 5/1
BR058	24	XIII	L3	3A	43	24	9	0,38	11,6	Lasca não retocada	Completa	Grauaque	Trapezoidal	<25%	Seixo rolado	Cortical	Médio	10 YR 4/2; 10 YR 5/2	
BR059	24	XIII	L3	3A	17	20	4	0,20	1,2	Lasca não retocada	Frag. distal	Rocha ígnea	Biconvexa	Sem		Inexistente	Inexistente	5 YR 5/2; 5 YR 6/2	

BR061	24	XIII	K18	3A	38	32	12	0,38	14,4	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Biconvexa	≥75≤100%	Seixo rolado	Liso	Proeminente	10 YR 5/4; 10 YR 5/2
BR063	24	XIII	L4	3A	25	27	9	0,33	4	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Residual	Seixo rolado	Cortical	Proeminente	5 Y 5/1
BR064	24	XIII	L4	3A	37	24	12	0,50	8,2	Lasca não retocada	Completa	Grauvaque	Sub-triangular	Sem		Reduzido	Parcial/ eliminado	5YR 5/2
BR066	24	XIII	J11	3A	43	26	4		6,8	Paleta afeiçoada perifericamente	Fragmento	Xisto ardoso	Sub-rectang.	-	-			N4 e N5
BR069	24	XIII	F9	3A	45	20	12	0,60	8,6	Lasca denticulada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Reduzido	Difuso	5 Y 4/1
BR070	24	XIII	L15	3A	50	65	25		128	Seixo afeiçoado unifacialmente	Frag. transv.	Rocha ígnea	Oval	≥75≤100%	Seixo rolado			5 Y 6/1
BR071	24	XIII	L18	3A	70	44	25	0,57	92,6	Lasca não retocada	Completa	Gabro-diorito	Trapezoidal	≥25<50%	Seixo rolado	Liso	Médio	10 YR 4/2; 10 YR 6/2; 10 YR 8/2
BR073	24	XIII	L5	3A	21	18	3	0,17	1	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Sub-trapez.	Sem		Liso	Difuso	N4 e N5
BR075	24	XIII	J11	3A	51	39	10	0,26	22,2	Lasca c/ retoque parcial e marginal	Completa	Grauvaque	Triangular	Sem		Liso	Proeminente	10 YR 6/2
BR078	24	XIII	G11	3A	24	12	5	0,42	1	Lasca não retocada	Completa	Grauvaque	Triangular	Sem		Reduzido	Difuso	10 YR 6/2
BR079	24	XIII	F9	3A	24	28	7	0,25	4,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Biconvexa	≥75≤100%	Seixo rolado	Facetado	Proeminente	5 Y 6/1
BR081	24	XIII	F9	3A	17	19	5	0,26	1,4	Lasca residual	Completa	Grauvaque	Biconvexa	Sem		Reduzido	Médio	N5 e N4
BR083	24	XIII	M15	3A	33	22	8		4,8	Resíduo		Grauvaque		Sem				N3 e N4; Branco
BR085	24	XIII	K4	3A	42	31	12	0,39	12	Lasca c/ retoque parcial e marginal	Frag. long.	Rocha ígnea	Sub-trapez.	<25%	Seixo rolado	Cortical	Médio	5 Y 6/1; 5 Y 5/1
BR086	24	XIII	K4	3A	26	30	10	0,33	7,6	Lasca não retocada	Frag. prox.	Rocha ígnea	Triangular	<25%	Seixo rolado	Cortical	Parcial/ eliminado	10 YR 6/2; 10 YR 5/2
BR087	24	XIII	K4	3A	22	35	7	0,20	5,4	Lasca não retocada	Frag. long.	Rocha ígnea	Biconvexa	<25%	Seixo rolado	Cortical	Difuso	10 YR 6/2; 10 YR 5/2
BR088	24	XIII	M12	3A	33	33	14	0,42	9	Lasca de acond. de núcleo	Completa	Rocha ígnea	Sub-trapez.	Sem		Reduzido	Médio	10 YR 5/4; 5 YR 5/2
BR090	24	XIII	P11	3A	25	49	13	0,27	12,8	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Plano-convexo	≥75≤100%	Sem rolamento	Liso	Proeminente	5 YR 4/4; 10 YR 5/4
BR092	24	XIII	H14	3A	55	40	34		75,6	Fragmento de raspador lateral	Fragmento	Rocha ígnea	Sub-trapez.	Sem				10 YR 6/2; 10 YR 5/2; 10 YR 7/2
BR093	24	XIII	M18	3A	55	40	12	0,30	26,8	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Trapezoidal	<25%	Seixo rolado	Cortical	Médio	10 YR 5/2
BR094	24	XIII	K3	3A	18	22	9	0,41	3	Lasca residual	Frag. distal	Rocha ígnea	Sub-trapez.	Sem		Inexistente	Inexistente	5 YR 5/2; 5 YR 5/1
BR095	24	XIII	M15	3A	30	26	12	0,46	10	Lasca não retocada	Completa	Grauvaque	Triangular	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Médio	N3
BR096	24	XIII	M16	3A	15	28	13	0,46	4	Lasca de crista	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Difuso	5 YR 4/4; 5 YR 5/4
BR097	24	XIII	M16	3A	58	53	18	0,34	42,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Facetado	Difuso	10 YR 6/2
BR099	24	XIII	P12	3A	63	62	36	0,58	181	Fragmento de seixo truncado	Frag. long.	Rocha ígnea	Oval	≥50<75%	Seixo rolado			10 YR 6/4
BR101	31	XII	L1	3A	43	24	8		5,8	Resíduo		Rocha ígnea		Sem				10 YR 4/2
BR102	18	XI	L1	3A	31	47	13	0,28	14,4	Lasca de acond. de núcleo	Completa	Rocha ígnea	Sub-triangular	Sem		Facetado	Difuso	N5 a N3
BR104	18	XI	K1	3A	64	56	22	0,39	73,4	Lasca retocada	Completa	Grauvaque	Irregular	≥50<75%	Seixo rolado	Diedro	Médio	N4; 5 GY 4/1
BR105	18	XI	K1	3A	52	39	17	0,44	27,2	Lasca não retocada	Completa	Xisto silicioso	Sub-triangular	<25%	Sem rolamento	Inexistente	Difuso	5 Y 6/1
BR107	18	XI	K1	3A	42	20	14	0,70	8,4	Lasca não retocada	Completa	Grauvaque	Triangular	Sem		Reduzido	Parcial/ eliminado	5 Y 6/1
BR108	19	X	L11	3A	44	41	7	0,17	11,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Biconvexa	Sem		Reduzido	Difuso	10 YR 4/2
BR109	19	IX	B11	3A	35	55	11	0,20	21	Lasca não retocada	Completa	Grauvaque	Triangular	≥25<50%	Seixo rolado	Liso	Difuso	5 YR 3/1; 5 YR 3/2
BR110	19	IX	B11	3A	46	32	21	0,66	39,8	Seixo raspador	Frag. distal	Grauvaque	Sub-trapez.	≥25<50%	Seixo rolado			N4
BR113	25	III	G11	2B	25	18	9		3,2	Resíduo		Rocha ígnea		Sem				10 R 6/2; 10 YR 5/2
BR114	24	XIII	L8	3A	25	19	9	0,47	2,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Médio	5 YR 4/4
BR116	25	III	M11	2B	35	23	9	0,39	6,8	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Irregular	≥50<75%	Seixo rolado	Cortical	Médio	5 Y 6/1
BR118	25	III	M15	2B	43	40	11	0,28	24,4	Lasca c/ retoque parcial e marginal	Completa	Rocha ígnea	Trapezoidal	≥75≤100%	Seixo rolado	Cortical	Parcial/ eliminado	10 R 5/2
BR119	25	III	L14	2B	58	74	30	0,41	120	Lasca de acond. de núcleo	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Duplo bolbo	N4; 5 Y 4/1; 5 Y 2/1
BR123	25	III	M15	2B	23	29	8	0,28	4,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Biconvexa	Sem		Liso	Médio	5 G 2/1; 10 YR 5/4 (patine cast.)
BR124	25	III	G12	2B	73	63	36		190	Núcleo s/ seixo rolado irregular	Fragmento	Rocha ígnea	Poligonal	Sem				N5 e N4; 5 B 6/1
BR129	18	XXII	A2	2B	32	17	6	0,35	3,2	Lasca não retocada	Frag. long.	Grauvaque	Irregular	Residual	Seixo rolado	Cortical	Médio	N4 e N3
BR130	18	XXII	C1	2B	48	47	14	0,30	32,2	Lasca c/ retoque parcial e marginal	Completa	Grauvaque	Trapezoidal	<25%	Seixo rolado	Cortical	Difuso	5 Y 6/1
BR132	18	XXII	C3	2B	91	50	6		42,2	Paleta c/ afeiçoamento periférica	Completa	Xisto ardoso		-	-			N7 a N5
BR134	18	XXII	B3	2B	68	60	6		26,6	Paleta c/ afeiçoamento periférico	Fragmento	Xisto ardoso		-	-			N5 e N4
BR136	18	XXII	C2	3A	47	62	13	0,21	43,2	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Irregular	Sem		Facetado	Proeminente	5 Y 5/1
BR137	18	XXII	C2	3A	56	55	15	0,27	46	Lasca não retocada c/ vest. de uso	Completa	Quartzito	Plano-convexo	≥75≤100%	Seixo rolado	Reduzido	Médio	5 Y 6/1; 5 GY 6/1

BR145	25	XIV	E5	2B	39	30	12	0,40	12,8	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Médio	5 Y 5/2; 10 YR 7/4
BR147	25	XIV	E5	2B	115	50	8		59	Paleta c/ afieçoamento periférico	Fragmento	Xisto ardosoano		-	-			N6; 5 P 4/2
BR149	25	XIV	R6	3A	72	73	27	0,37	149	Lasca não retocada	Completa	Corneana	Trapezoidal	≥25<50%	Seixo rolado	Liso	Parcial/ eliminado	N4 e N3
BR154	25	XIV	G5	3A	83	75	39	0,52	316	Raspador sobre lasca	Completa	Rocha ígnea	Sub-rectang.	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Proeminente	10 YR 5/4 (patine); 5 Y 6/1
BR155	25	XIV	E6	3A	40	35	10	0,29	16,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Trapezoidal	Sem		Liso	Proeminente	5 YR 5/2; 10 YR 6/2
BR157	25	XIV	E5	3A	46	32	14	0,44	20,2	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Sub-triangular	<25%	Seixo rolado	Facetado	Parcial/ eliminado	5 YR 5/4
BR158	25	XIV	E4	2B	45	17	12		7,8	Resíduo		Xisto silicioso	Irregular	≥50<75%	Seixo rolado			5 Y 2/1; 5 Y 4/1
BR159	25	XIV	E4	2B	29	11	5		1,4	Resíduo		Xisto silicioso		<25%	Seixo rolado			5 GY 4/1
BR161	17	XXI	V11	2B	23	36	7	0,19	6,2	Lasca não retocada	Completa	Xisto silicioso	Plano-convexo	Sem		Liso	Proeminente	N5; 5 Y 6/1; 5 Y 3/1
BR162	17	XXI	V9	3A	43	25	8		6,8	Resíduo		Rocha ígnea		Sem				5 GY 3/1
BR164	18	XXI	A11	3A	61	58	28	0,48	68,8	Raspador discoidal nucleiforme	Completa	Corneana	Sub-trapez.	Sem				N4 e N3
BR165	18	XXI	A9	3A	68	61	31	0,51	160	Raspador discoidal denticulado	Completa	Rocha ígnea	Sub-trapez.	Sem				10 YR 6/2; 5 YR 6/4
BR166	18	XXI	B10	3A	61	66	26	0,39	86,4	Lasca denticulada	Completa	Rocha ígnea	Irregular	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Parcial/ eliminado	5 YR 6/1
BR169	18	XXI	A11	2B	62	83	27	0,33	183	Seixo truncado	Completa	Rocha ígnea	Oval	≥75≤100%	Seixo rolado			10 YR 6/2 (patine)
BR170	17	XXI	B9	2B	22	18	5	0,28	1,8	Lasca não retocada	Frag. prox.	Grauvaque	Plano-convexo	<25%	Seixo rolado	Cortical	Difuso	N5
BR175	18	XXI	B9	3A	23	17	9	0,53	2,4	Lasca não retocada	Frag. long.	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Médio	10 YR 5/4
BR176	25	V	B1	2B	19	26	11	0,42	4,8	Lasca denticulada	Completa	Rocha ígnea	Biconvexa	≥25<50%	Seixo rolado	Cortical	Proeminente	5 YR 5/2
BR177	25	V	B1	2B	43	37	10	0,27	17	Lasca denticulada	Completa	Rocha ígnea	Biconvexa	≥75≤100%	Seixo rolado	Liso	Médio	5 Y 6/1
BR182	24	XIII	L18	3A	53	68	28	0,41	71,8	Lasca denticulada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Diedro	Médio	10 YR 6/2; 5 YR 6/4
BR184	24	XIII	K15	3A	50	40	34		90,6	Núcleo esboçado de lascas s/ seixo	Fragmento	Rocha ígnea		≥50<75%	Seixo rolado			5 YR 4/1; 5 YR 6/1
BR185	24	XIII	J11	3A	56	38	16	0,42	30,4	Lasca denticulada	Completa	Rocha ígnea	Trapezoidal	≥25<50%	Seixo rolado	Facetado	Parcial/ eliminado	10 YR 5/4; 10 YR 7/4
BR189	24	XIII	K6	3A	40	49	12	0,24	15	Lasca de acond. de núcleo	Completa	Quartzito	Irregular	Residual	Seixo rolado	Cortical	Médio	5 YR 5/2; 10 YR 4/2
BR190	24	XIII	K6	3A	43	40	11	0,28	13,2	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Biconvexa	≥75≤100%	Seixo rolado	Diedro	Proeminente	5 Y 7/1
BR191	24	XIII	K6	3A	85	51	49		197	Núcleo de lascas irregular s/ seixo	Fragmento	Rocha ígnea		≥50<75%	Seixo rolado			5 Y 6/1
BR192	24	XIII	K17	3A	40	57	10	0,18	21,6	Lasca não retocada c/ vest. de uso	Completa	Anfiboloxisto		≥25<50%	Seixo rolado	Reduzido	Médio	N3
BR196	25	I	C20	2B	28	45	12	0,27	12	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Sub-trapez.	Sem		Facetado	Difuso	10 YR 4/2; 10 YR 6/2
BR197	24	XIII	J14	3A	46	25	11	0,44	10,2	Lasca não retocada c/ vest. de uso	Completa	Rocha ígnea	Triangular	Sem		Liso	Proeminente	10 YR 5/4
BR198	24	XIII	H11	3A	40	40	14		20	Resíduo		Grauvaque		Residual	Seixo rolado			N3 e N4
BR200	24	XIII	S11	3A	44	24	22		25	Frag. de núcleo de lasca s/ seixo	Fragmento	Rocha ígnea	Poligonal	<25%	Seixo rolado			10 YR 6/2
BR203	24	XIII	L17	3A	53	77	25	0,32	73,2	Lasca retocada	Completa	Xisto-grauv.	Trapezoidal	Sem		Diedro	Médio	10 YR 4/2; 10 YR 5/4 (patine)
BR204	24	XIII	L3	3A	35	43	8	0,19	12,2	Lasca não retocada	Frag. prox.	Rocha ígnea	Sub-triangular	Sem		Liso	Médio	5 YR 7/2 (patine); 10 Y 6/1
BR205	24	XIII	L3	3A	37	30	9	0,30	8,4	Lasca não retocada	Completa	Grauvaque	Triangular	<25%	Seixo rolado	Cortical	Médio	10 YR 6/2; 10 YR 4/2
BR206	24	XIII	L15	3A	17	25	6	0,24	1,6	Lasca retocada	Completa	Rocha ígnea	Convexo-conc.	Sem		Diedro	Médio	10 YR 4/2
BR209	24	XIII	H10	3A	115	78	36	0,46	401	Núcleo esboçado s/ seixo	Frag. long.	Rocha ígnea	Sub-trapez.	≥75≤100%	Seixo rolado			10 YR 6/2
BR210	24	XIII	L18	3A	55	50	16	0,32	28,8	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Irregular	≥75≤100%	Seixo rolado	Diedro	Médio	5 YR 4/4; 5 YR 5/2
BR212	18	XI	K1	3A	58	29	30		28,4	Resíduo		Grauvaque		Sem				5 Y 5/1
BR213	18	XI	K1	3A	29	33	11	0,33	11,6	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Sub-trapez.	<25%	Seixo rolado	Liso	Médio	N7 e N6; 10 YR 6/2
BR217	24	XIII	P11	3A	113	110	59		738	Núcleo discoidal de lascas s/ seixo	Fragmento	Rocha ígnea	Sub-trapez.	≥50<75%	Seixo rolado			10 YR 6/2
BR219	24	XIII	M10	3A	42	40	27		72,6	Resíduo		Rocha ígnea		≥50<75%	Seixo rolado			N5 e N4
BR220	24	XIII	M10	3A	33	31	7	0,23	7	Lasca não retocada c/ vest. de uso	Frag. long.	Quartzito	Sub-trapez.	<25%	Seixo rolado	Reduzido	Médio	5 YR 5/2
BR221	24	XIII	M10	3A	46	30	17	0,57	20,8	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	≥75≤100%	Seixo rolado	Destruido	Difuso	10 YR 5/4; 10 YR 6/4
BR222	24	XIII	M10	3A	52	28	9	0,32	13,8	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Plano-convexo	≥75≤100%	Seixo rolado	Reduzido	Médio	5 Y 6/1
BR224	25	VI	L1	2B	38	32	21		31,4	Resíduo de talhe		Quartzito		≥50<75%	Seixo rolado			10 YR 6/2; 5 R 4/2
BR225	25	I	A19	3A	39	30	11	0,37	11	Lasca não retocada	Completa	Rocha ígnea	Triangular	≥50<75%	Seixo rolado	Reduzido	Parcial/ eliminado	5 YR 4/4
BR227	24	XIII	K13	3A	70	50	20	0,40	80,6	Pico atípico s/ placa de grauvaque	Completa	Grauvaque	Sub-trapez.	Sem				N4 e N3
BR228	24	XIII	K13	3A	31	26	15		13,2	Resíduo		Quartzito		Residual	Seixo rolado			10 YR 8/2; 5 YR 8/2

Anexo II – Brejo Redondo. Indústria lítica. Subsistema tecnológico uso-intensivo. Inventário e classificação.

Inv.	S.	Sond	Q.	C.	L.máx. mm	l. máx. mm	Esp. mm	e/l	Peso gr	Tipo	Conservação	Materia prima	Secção transversal	Área de cortex	Cortex rolamento	Talão	Bolbo	Cor
BR006	24	XIII	L4	3A	20	19	7		1,8	Resíduo		Quartzo		Sem				Branco
BR026	24	XIII	E9	3A	20	15	7		2	Resíduo		Silex		Sem				10 R 4/2
BR033	24	XIII	E10	3A	20	16	18		5,4	Resíduo		Silex		≤25%	Sem rolamento			N5 e N3
BR035	24	XIII	M10	3A	25	35	10	0,29	5,2	Ponta atípica s/ lasca de crista	Completa	Silex	Triangular	Sem		Reduzido	Médio	5 YR 4/1
BR038	24	XIII	L11	3A	40	22	9	0,41	5,8	Lasca retocada	Completa	Silex	Triangular	>50≤75%	Sem rolamento	Reduzido	Parcial/ eliminado	N8 a N6; 5 YR 8/1
BR044	24	XIII	R12	3A	46	42	28		53,6	Núcleo discoidal de lascas	Completa	Quartzo	Poligonal	>25≤50%	Com rolamento			Branco
BR045	24	XIII	M11	3A	20	17	16		7	Núcleo exausto	Completa	Silex	Poligonal	Sem				N6 e N5
BR048	24	XIII	L10	3A	17	15	13		3,4	Resíduo		Silex		Sem				N6 e N5
BR050	24	XIII	I11	3A	23	12	7		1,8	Resíduo		Silex		Sem				N7 e N5
BR053	24	XIII	L16	3A	17	13	4		0,8	Resíduo		Silex		Sem				10 YR 6/4
BR056	24	XIII	K11	3A	40	36	27		37,4	Resíduo		Quartzo		>25≤50%	Com rolamento			Branco
BR057	24	XIII	K11	3A	19	14	15		4	Fragmento de núcleo	Fragmento	Silex	Irregular	Sem				N6 e N5
BR060	24	XIII	K18	3A	34	23	8	0,35	5,8	Lasca c/ vest. de uso	Completa	Silex	Trapezoidal	Sem		Reduzido	Médio	10 R 6/2; 10 R 3/4
BR068	24	XIII	M18	3A	24	14	10		2,4	Resíduo		Cristal		Sem				Branco
BR072	24	XIII	L6	3A	27	12	9	0,75	2,6	Lasca não retocada	Completa	Silex	Triangular	Residual	Sem rolamento	Cortical	Parcial/ eliminado	N7 e N6
BR074	24	XIII	K10	3A	35	32	12	0,38	11,4	Lasca não retocada	Completa	Quartzo	Irregular	Sem		Facetado	Proeminente	Branco
BR080	24	XIII	F9	3A	21	17	6		1,4	Resíduo		Silex	Triangular	Sem				10 YR 4/2; 5 R 5/4
BR082	24	XIII	E9	3A	22	18	4	0,22	1,8	Lasca denticulada	Completa	Silex	Biconvexa	sem		Facetado	Parcial/ eliminado	10 YR 3/6
BR103	18	XI	L1	3A	26	17	10		3	Denticulado sobre residuo		Quartzo	Triangular	Sem				Branco
BR106	18	XI	K1	3A	19	16	10		4	Resíduo		Silex		≤25%	Sem rolamento			10 R 6/6; 10 R 5/6; Branco
BR111	25	III	J12	2B	47	28	11	0,39	11,6	Lasca não retocada	Frag. long.	Quartzo	Indeterminada	Residual	Com rolamento	Cortical	Difuso	Branco
BR112	25	III	L13	2B	32	17	4	0,24	3	Lâmina c/ retoque simples e marginal	Frag. prox.	Silex	Trapezoidal	Sem		Facetado	Parcial/ eliminado	10 YR 5/4; 10 R 3/4; 10 YR 7/4
BR117	25	III	L10	2B	27	22	5	0,23	3	Lasca não retocada	Completa	Quartzo	Biconvexa	Residual	Sem rolamento	Cortical	Difuso	Branco
BR121	25	III	I12	2B	22	10	5	0,50	1,2	Lasca c/ retoque parcial e marginal	Frag. prox.	Quartzo	Triangular	Sem		Diedro	Parcial/ eliminado	Branco
BR122	25	III	M15	2B	19	20	6	0,30	2	Lasca c/ retoque parcial e marginal	Completa	Quartzo	Convexo-conc.	Sem		Reduzido	Parcial/ eliminado	Branco
BR126	24	XIII	F10	3A	22	18	7	0,39	3,2	Lasca não retocada	Completa	Quartzo	Irregular	Sem		Liso	Médio	Branco
BR131	18	XXII	C3	3A	20	13	9		1,6	Resíduo		Chert		Sem				5 YR 2/1; 5 YR 4/1; 5 Y 8/1
BR133	18	XXII	C2	2B	17	32	10	0,31	5,8	Lasca não retocada	Frag. prox.	Silex	Sub-trapez.	Residual	Sem rolamento	Cortical	Proeminente	10 YR 6/2; 10 YR 4/2; 5 Y 6/1
BR138	18	XXII	A3	2B	20	18	7		2,6	Resíduo		Quartzo		>75≤100%	Com rolamento			Branco
BR139	18	XXII	C1	3A	29	15	14		5,8	Resíduo		Quartzo		>75≤100%	Com rolamento			Branco
BR142	25	XIV	G4	2B	34	35	15		22	Resíduo		Quartzo		>25≤50%	Com rolamento			Branco
BR143	25	XIV	G6	3A	19	18	6	0,33	2,2	Lasca residual	Frag. prox.	Quartzo	Triangular	Sem		Liso	destruído	Branco
BR146	25	XIV	E5	2B	21	18	8	0,44	2,4	Lasca residual	Completa	Quartzo	Irregular	Residual	Com rolamento	Liso	Médio	Branco
BR150	32	XX	I5	3A	19	16	5		1,6	Buril de ângulo s/ fractura	Fragmento	Quartzo		Sem				Branco
BR152	25	XV	K6	3A	29	19	12	0,63	6,4	Lasca denticulada	Completa	Quartzo	Triangular	Sem		Liso	Parcial/ eliminado	Branco
BR156	25	XIV	G5	2B	17	15	8		1,8	Resíduo		Quartzo		Sem				Branco
BR160	25	XIV	E4	2B	16	12	6		1,4	Resíduo		Silex		Sem				10 YR 4/2
BR163	17	XXI	V11	3A	28	20	5	0,25	2,2	Lasca não retocada	Frag. prox.	Silex	Sub-triangular	Sem		Liso	Duplo bolbo	5 YR 2/2; 5 YR 3/4
BR171	25	VI	L1	2B	26	11	4	0,36	1	Lâmina c/ vest. de uso	Completa	Silex	Sub-trapez.	Sem		Reduzido	Médio	10 YR 7/4; 10 YR 8/6
BR172	25	VI	L1	2B	15	12	4	0,33	0,8	Lasca residual	Frag./long.	quartzito	Triangular	>25≤50%	Com rolamento	Reduzido	Médio	5 YR 5/2; 5 YR 3/4
BR173	18	XXJ	B10	2B	29	20	8	0,40	5,4	Denticulado s/ frag. de lasca	Frag. long.	Quartzo	Sub-trapez.	Sem		Reduzido	Difuso	Branco
BR174	18	XXI	B9	3A	38	28	19		18,4	Ponta atípica sobre residuo		Quartzo		Sem				Branco
BR178	25	V	B1	2B	27	27	7	0,26	4,2	Lasca não retocada	Completa	Quartzo	Triangular	≤25%	Com rolamento	Liso	Difuso	Branco
BR183	24	XIII	I13	3A	18	18	6		1,6	Resíduo		Silex		Sem				N4 e N3; 10 YR 2/2
BR186	24	XIII	J11	3A	75	54	13		60	Resíduo		Quartzo		≤25%	Com rolamento			Branco
BR208	24	XIII	F12	3A	50	54	15	0,28	32	Lasca de acond. de núcleo	Completa	Chert	Irregular	Sem		Diedro	Proeminente	N5 a N4; 5 B 8/1; 5 Y 8/1
BR214	24	XIII	K13	3A	18	15	7		2,6	Resíduo		Silex		Sem				5 YR 4/1
BR215	24	XIII	L18	3A	18	17	5	0,29	1,4	Lasca c/ vest. de uso	Completa	Quartzo	Triangular	Sem		Reduzido	Parcial/ eliminado	Branco
BR216	24	XIII	L18	3A	19	13	9		2	Resíduo		Quartzo		Sem				Branco
BR226	25	I	A20	3A	41	36	21		36,4	Núcleo discoidal de lascas	Fragmento	Quartzo	Sub-trapez.	Sem				Branco

Anexo III – Brejo Redondo. Pedra polida/bojardada e outros. Inventário e classificação.

Inv.	S.	Sond	Est.	Q.	C.	L. máx. mm	L. máx. mm	Esp. mm	Peso gr	Tipo	Conservação	Matéria prima	Técnica	Secção transversal	Cor	Observações
BR015	24	XIII		E9	3A	27	27	21	15,4	Manuporte		Cristal de rocha			Branco	
BR019	24	XIII		K12	3A	38	35	23	35,2	Frag. de percutor polidrico-esferoidal s/ seixo	Fragmento	Rocha ígnea	Bojardagem		10 YR 6/2; 10 YR 4/2	
BR065	24	XIII		M17	3A	113	96	24	392,6	Bigorna	Fragmento	Rocha ígnea	Bojardagem		10 YR 4/2; 10 YR 6/2	
BR067	24	XIII		J11	3A	28	20	9	5	Fragmento de instrumento em pedra polida	Fragmento	Anfiboloxisto	Polimento		N3	
BR076	24	XIII		G12	3A	24	37	7	5,8	Lasca accidental (?) de instrumento em pedra polida	Completa	Anfiboloxisto	Polimento	Irregular	N5 e N4	
BR077	24	XIII		G11	3A	21	14	13	3,8	Manuporte		Cristal de rocha		Poligonal	Branco	
BR084	24	XIII		M17	3A	20	19	2	1	Fragmento de placa com perfuração cónica	Fragmento	Xisto ardoseano	Perfuração		N6 a N4	Diâmetro do orifício 2mm
BR089	24	XIII		F11	3A	25	23	3	1,6	Fragmento de placa com perfuração cónica	Fragmento	Xisto ardoseano	Perfuração		5 R 6/2	Diâmetro do orifício 4mm
BR098	25	III	25	M15	3A	93	88	68	650,2	Fragmento de elemento de mó dormente	Fragmento	Granito	Bojardagem	Plano-convexo	N8 a N3	Peça em vários frags. remontados. Sup. activa plana
BR115	25	III		K12	2B	66	58	30	172,4	Polidor sobre seixo rolado	Completa	Rocha ígnea (granitoide)	Bojardagem	Plano-convexo	5 Y 3/1; 5 YR 6/4	Sup. activa com polimento artificial no reverso do seixo
BR120	25	I		B19	3A	67	58	26	183,4	Fragmento de polidor (pedra de amolar)	Fragmento	Arenito ferruginoso	Polimento	Rectangular	5 YR 5/6; 5 YR 4/6	
BR125	25	III		F11	2B	31	24	17	12,6	Fragmento de percutor	Frag. long.	Rocha ígnea	Bojardagem	Sub-trapezoidal	N4 e N3	
BR128	18	XXII		C3	3A	102	72	24	155,8	Polidor sobre seixo	Fragmento	Xisto grauvaquico	Bojardagem		5 YR 4/1; 5 Y 4/1	Termoclasto remontado
BR140	18	XXII		C1	3A	43	39	20	30,8	Fragmento de instrumento em pedra polida	Fragmento	Anfiboloxisto	Polimento		N4; 5 G 5/1	
BR141	18	XXII		A2	2B	160	116	59	975,2	Fragmento de elemento de mó dormente	Fragmento	Rocha ígnea	Bojardagem	Plano-convexo	5 GY 6/1; 5 Y 6/1	Com estalamento térmico
BR144	18	XXII		B1	2B	90	68	58	595,4	Fragmento de elemento de mó dormente	Fragmento	Granito	Bojardagem		Indeterminada	
BR153	25	XIV		E4	3A	77	39	34	152	Fragmento de bigorna sobre seixo	Fragmento	Rocha ígnea	Bojardagem		5 YR 4/1	
BR179	31	XII		L1	2B	62	34	30	92,4	Polidor	Completa	Rocha ígnea	Bojardagem		5 YR 7/2 (pastine)	
BR180	24	XIII		G12	3A	29	26	3	1,8	Frag. de instrumento em pedra polida	Completa	Anfiboloxisto	Polimento		N2 e N3	
BR193	24	XIII		K17	3A	87	48	22	112,8	Polidor sobre seixo rolado	Completa	Rocha ígnea	Bojardagem		5 YR 5/1	Fractura térmica paralela ao eixo maior do seixo
BR194	24	XIII		K17	3A	34	34	11	18,8	Manuporte, seixo rolado aplanado, sub-circul.	Completa	Quartzito			10 YR 7/4	
BR201	24	XIII		S11	3A	63	58	53	242,6	Percutor polidrico-esferoidal sobre seixo		Quartzo	Bojardagem	Poligonal	Branco	
BR218	25	I		L19	2B	58	48	42	123	Percutor esferoidal sobre seixo rolado		Quartzo leitoso	Bojardagem	Irregular	Branco	
BR223	25	VI		L1	2B	38	18	13	5,8	Fragmento de gume de enxó em pedra polida	Fragmento	Rocha ígnea	Polimento		10 YR 5/4; 5 YR 4/4	